

«Só com o ardor apeteçemos o que não possuímos, porque com a posse o apetite se esvae. Possuir não é gozar. Somente gozariam com a realidade, os que já não aspirassem; mas não aspirar é não ter desejos, não ter esperanças, é estar morto moralmente».

SCIPIÃO FERREIRA

# A Voz de ALTE

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA



(Preço avulso: 5\$00

N.º 737

ANO XXVII

2/8/1979

Composição e Impressão  
«GRÁFICA EDITORA»  
Av. João Ferreira da Maia, 20  
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO  
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração  
GRÁFICA LOULETANA  
Telef. 6 25 36 LOULÉ

## A CRISE REVELADORA «O FIEL AMIGO»

As emanações socialistas saídas da geração de 20 nunca criaram raízes no povo português não obstante o prestígio dessa mesma geração que se prolongou nas décadas seguintes e que ainda hoje não se extinguiu por completo.

Na verdade o 31 de Janeiro nada deveu ao socialismo e o 5 de Outubro nasceu e viveu sem ele que, nos 48 anos de cativeiro, não deu sinal de si, nem mesmo na clandestinidade.

Por isso o seu triunfo nas eleições de 1975 apanhou de surpresa os observadores que não haviam baseado os seus cálculos no terror que claudicava as massas populares com a movimentação dos comunistas, ajudada pelo PREC e pela dinamização feita com a 5.ª Divisão do Exército.

Então todas as ténues correntes políticas que ousavam aparecer eram varridas à nascença, e o próprio Partido Socialista era, olhado com desconfiança mas sem a fúria da destruição.

Nas primeiras eleições que surgiram nelas se encafiara a favor dos socialistas o grosso das massas temerosas, impelidas pelo princípio da preferência do menor mal, entre dois males que se apresentam — socialista e comunista.

Aos restantes partidos políticos coube a repartição dos eleitores mais conscientes e menos calculistas e ambiciosos.

Deste fenómeno logo se parte para o desfazer do Partido Socialista à medida que o terror se vai diluindo, e as massas vão adquirindo consciência do seu valor e da sua força.

Mário Soares apercebeu-se do fenómeno, e tanto que na propaganda para as eleições seguintes, — as primeiras legislativas, — usou de uma linguagem menos convulsiva, de modo a infundir confiança nas massas espavoridas que mesmo assim, não deixaram de desertar nas eleições seguintes, em número superior a 200 mil.

Mas demagogo, volúvel e ambicioso como é, Mário Soares não é homem para deter a marcha do seu partido para o nada.

Inclusivamente não soube defender-se do fenómeno da abstenção do eleitorado quando votou, com o P. C., contra o projecto de lei que criava o voto obrigatório, só para poder dizer, com este, que não aceitava o

(continua na pág. 2)

Desde a longínqua era em que o Homem, para sua utilidade e segurança, aprendeu a domesticar animais, o cão passou a ser considerado um animal de estimação, de enormes potencialidades, e, imensas tarefas lhe têm sido confiadas ao longo da gigantesca caminhada da Humanidade. É por isso, e muito mais, que o Fiel Amigo, agora mais que nunca, deverá ser preservado e acarinhado. A sua preservação e os cuidados a ter com o Fiel Amigo

(continua na pág. 8)

CONSAGRAÇÃO NACIONAL DE UMA ARTISTA LOULETANA

## Condecorada com a Comenda da Instrução Pública a pianista MARIA CAMPINA

O dia 19 de Julho de 1979 não foi apenas o dia que consagrou Maria Campina como artista de craveira nacional, mas simboliza também o reconhecimento do esforço, da persistência, da capacidade executiva e criadora de alguém que à arte musical tem de-

dicado apaixonadamente toda a sua vida.

Maria Campina é uma artista na verdadeira acepção da palavra — porque tem consagrado a sua existência à arte musical e dela tem vivido com aquela felicidade de quem sente realizados os seus sonhos. E, se é verdade que, desde menina e moça, sonhou ser uma pianista de mérito podemos afirmar que conseguiu esse objectivo. E plenamente.

E Loulé orgulha-se disso porque Maria Campina já é considerada, de entre os seus filhos, como uma das mais proeminentes figuras da arte.

Puderam confirmá-lo quantos encheram o Teatro Lethes naquela inesquecível noite para participarem na justa homenagem que o

(continua na pág. 4)



Um aspecto típico de Alte

nomeadamente de Sarnadas (que para o efeito percorreram cerca de 5 Km a pé) povoação que aguarda, ansiosamente, a construção de 9 Km da projectada estrada Alte-Sarnadas-Azinhal). Existe um caminho de terra batida, que o tempo se encarregou de tornar intransitável tendo os membros da Assembleia percorrido uma pequena parte dessa penosa via e, após exame «in loco» concluíram que a sua deterioração está bem vincada pela acção destruidora das enxurradas.

Este péssimo caminho serve de via de comunicação a cerca

(continua na pág. 6)

## A ambiguidade seja pelo que for é sintoma de falta de personalidade

A ambiguidade como forma de expressão pessoal ou de grupo, traduz-se por comportamentos e atitudes controversas.

Quem se expressa pela ambiguidade caracteriza-se por falta de personalidade, que pode ser total ou parcial, dependendo do grau de ambiguidade e dos motivos. No caso de total falta de personalidade a ambiguidade é extrema e, normalmente, os indivíduos deste tipo não ocupam lugares, ou não desempenham

funções de relevância, sendo diminuídos mentais, sem aceitação e, como tal, podem-se considerar casos patológicos. O mais vulgar é encontrar a ambiguidade relacionada com uma fraqueza ou falta parcial de personalidade, sendo relevante, quando o indivíduo desempenha funções, para as quais lhe falta a devida preparação e capacidade.

Se um indivíduo ocupar um cargo, que exige mais do que a

(continua na pág. 2)

## Ao serviço dos cidadãos

Certos funcionários de repartições públicas não cumprem, com zelosa prontidão e verdadeiro espírito de humana utilidade,

## A CASA DA SORTE

Inaugurou em Faro modernas e eficientes instalações

Fundada em Braga há 37 anos por António Nogueira da Silva, a Casa da Sorte é um estabelecimento que, ao longo desses anos, não parou de crescer. Hoje, é um nome prestigiado em todo o País pela honestidade dos seus métodos de trabalho e pelo dinamismo

(continua na pág. 2)

## A POTENCIALIDADE ECONÓMICA DO DESPREZADO ALGARVE

Enquanto os responsáveis procuram destrancar as portas de saída para a crise, dialogando com os ouvidos mudos da partidária — situação pendular, que inter-

rompe as ténues tentativas para a normalização da vida democrática — o País continua a marcar passo numa geral saturação!

Os problemas de trabalho, camaradas gémeos das grandes crises, agitam-se ante a desigualdade de leques salariais, onde uns ganham principescamente sem nada produzirem, e outros dificilmente conseguem ludibriar o estômago, trabalhando como escravos, de sol a sol!

Sucessivos governos sem prática ou competência administrativa e sem perceber patavina de gestão, seleccionam afilhados e simpatizantes da mesma craveira e incompetência profissional, que levam à ruína empresas industriais outrora prósperas, agonizando num total desmantelamento.

(continua na pág. 8)

## ATÉ O LEITE JÁ SUBIU DE PREÇO! PASSOU DE 4\$00 A 4\$10

Não se assuste, senhor leitor. O leite, esse branquinho líquido que escorre das tetas da vaca, subiu de preço, mas na casa das dezenas. O título em epígrafe vinha publicado em caixa alta, na primeira página, com foros de escândalo, no número 535 de «A Voz de Loulé», publicado neste mesmo lugar, no dia 3 de Abril

de 1974, exactamente 22 dias antes da Abrilada.

É claro, não vamos cair no lugar comum do reaccionarismo, de que a revolução dos capitães de Abril, é que foi a exclusiva culpada de tudo de então para cá se passou. Que já antes do evento, as vacas se agitavam, e re-

(continua na pág. 10)

## A CRIANÇA

...Deve ser educada em espírito de compreensão, de tolerância, de amizade entre os povos, de paz e fraternidade universal, e no sentimento de que deve consagrar a sua energia e os seus talentos ao serviço dos seus semelhantes.



# A CRISE REVELADORA

(Continuação da pág. 1)  
princípio da restrição das liberdades. E a sua megalomania não lhe deixou ver que a liberdade do P.C. e falsa e que só é usada por ele para a estrangular, e que os militantes deste não podem usar da liberdade de associar-se.

Sem força suficiente para governar só, Mário Soares não quis aceitar a comparticipação de qualquer outro partido no governo fiando-se da rivalidade do PSP e CDS com o PC, era guiado pelo pensamento do que seria bom para este seria inaceitável para aqueles, e vice-versa, até que a moção de confiança reprovada por todos lhe desfez a ambição e o gosto do poder sem comparticipação.

E então deveria ter ficado consciente de que governar com habilidade não se consegue beneficiar o país e que nada conseguiria para bem da Nação, repetindo-se.

Se então nada conseguiu, não obstante as concessões feitas ao P.C., agora não lhe foram consentidas, e ainda bem para todos nós portugueses.

Desta vez Mário Soares deu tudo por tudo para conseguir ser governo, sem se importar com a sua afirmação recente de que seu partido não o aceitaria antes das próximas eleições onde colheria uma cabazada de votos suficientes para ser governo, sem a comparticipação de outros partidos.

E como governaria ele no presente momento?

Governaria com o seu partido, ou o seu partido governaria, com alguns elementos dissidentes do PSD?

E porque estes lhe diziam que não, atreveu-se ele declarar na televisão, que bastaria um sorriso do P. R. para conseguir deste a sua aquiescência.

E pronto! Assim obteve um necessário para Mário Soares ser Governo.

Além da maneira ridícula como pretendia arranjar o quorum necessário, não seria por este modo que obteria a adesão dos ex-PSD que depois de tal declaração não deixariam de se sentir vexados por supôlos susceptíveis a um sorriso presidencial para a sua adesão.

Todavia isto tem pouca importância; o que importa é conhecer-se o furioso capricho que levou Mário Soares a esquecer a decência e as suas próprias afirmações anteriores.

Ora, como poderia Mário Soares governar somente com alguns ex-PSD no seu governo?

Ter-se-á ele esquecido do que lhe aconteceu com o CDS?

Certamente que não. O que ele girava agora era manter um governo de acordo com o PCP.

Depois os ex-PSD que estrebxassem à vontade, ou que se fossem embora, que ele não seria derrubado na Assembleia onde não voltaria a apresentar moção de confiança, ou, se a apresentasse, seria de acordo com o PC que lhe daria a sua confiança mercê de cedências funestas para o País, para a Democracia e para a Liberdade.

Fosse como fosse, Soares e Cunhal governariam à vontade, legislariam descricionariamente com a sua maioria da esquerda.

Mas seria Cunhal que tiraria proveito de tudo o que fosse feito, já que a ambição de Mário Soares tudo cederia para se manter no Governo, e Cunhal tudo, tudo lhe exigiria para estrangular a Democracia e a Liberdade.

Desta calamidade, desta grande desgraça, nos libertou o P. R. com a dissolução da Assembleia da República.

Todavia, parece-nos que nem tudo o que acompanhou o comunicado do P. R. é louvável e legal.

Exemplo:

«O primeiro ponto que se deve sublinhar — diz-se no comunicado — é que essas eleições serão exclusivamente intercalares. Quer isto dizer que em nenhuma circunstância o próximo acto eleitoral poderá substituir as eleições legislativas de 1980».

Ora isto é que não pode ser. Isto é matéria anticonstitucional; é uma clara e manifesta violação da Constituição que o Sr. P. R. não pode e não deve cometer.

As eleições que vão realizar-se em Outubro efectuar-se-ão na 4.ª sessão legislativa, a última legislatura, e cabe à Assembleia que resultar dessas eleições completar a legislatura em curso e perfazer a seguinte, nos termos do artigo 174 da Constituição que diz o seguinte, no seu n.º 3:

«Verificando-se a eleição, por virtude de dissolução, durante o tempo da última sessão legislativa, cabe à Assembleia eleita completar a legislatura em curso e perfazer a seguinte».

Perante um texto tão claro nada há que possa invalidar ou limitar o poder e alcance da Assembleia que for eleita nas próximas eleições, nem mesmo a afirmação do Sr. Presidente da República, ainda que lhes chamem *intercalares* que, aliás não são nomeadas na Constituição.

x x x

Outro paradoxo que por aí se avanta é a apresentação antecipada de um programa do governo que ainda não existe, pois o que existe deve continuar até às

## PRÉDIO VENDE-SE

Com chave na mão, na Rua Gil Vicente, 23.

Tratar pelo Telef. 62765 — LOULÉ.

(4-3)

## Monte vende-se

A 2 Km de Loulé, com alfarrobeiras, oliveiras e amendoeiras, cisterna, luz e facilidades de regadio. Tem duas casas de residência e grande armazém.

Perto da estrada Loulé-Queirença, no sítio de Corgos de Santa Luzia (sítio do Paixanito).

Tratar pelo Telefone 62175 — LOULÉ.

eleições pois não faz sentido que este tenha de sair somente para satisfazer a vontade mórbida de socialistas e comunistas.

Lá porque o sr. Octávio Pato afirmou na televisão que o Governo Mota Pinto é um governo corrupto não temos de admitir que o seja, e antes pelo contrário.

O que admira é que não haja um Poder Judicial que recolha as afirmações do Sr. Pato e de todos os patos, para que façam a prova das infâmias que vomitaram.

Um governo que aceitar governar somente 3 meses ou menos, não é governo de mérito e não é conveniente à Nação nem a ele próprio, pois somente servirá para baralhar os Serviços Públicos.

Assim, a presente crise revela que o PS é um partido ávido de Poder e que, para o obter, não olha a meios e que tem um Chefe de Estado cheio de boas intenções mas sem coragem suficiente para estancar a corrente ilegítima de disparates do volúvel e inconstante Mário Soares.

N. A.

## A ambiguidade seja pelo que for é sintoma de falta de personalidade

(Continuação da pág. 1)

sua capacidade e conhecimentos, evidentemente, que nunca estará seguro e como tal evidencia oscilações de comportamento e atitudes, que pronunciadas, traduzem-se por elevada ambiguidade, afectando o próprio, pela despersonalização pessoal perante si e os outros, nas suas relações.

A ambiguidade implica com problemas pessoais, que não resolvidos podem redundar em perdas pessoais irremediáveis e se o indivíduo ocupa funções de grande responsabilidades perante outros, ou que tem impacto na vida doutros e seus destinos, ainda pior, pelo facto de ninguém ter o direito ou, a ninguém se dever consentir o usufruto de tal irresponsabilidade.

A ambiguidade por quem a manifesta é sinal de carências: tanto mais graves quanto o grau de ambiguidade ou de controversia, sendo o *sim* e o *não*, de valores extremos e, que nos dão uma noção aproximada de maior ou menor ambiguidade.

Na realidade uma personalidade elevada ou forte não apresenta oscilações de comportamento e atitudes, desempenhando-se normalmente sem contradições, as suas relações pessoais e de funções são íntegras e idênticas, assumindo o indivíduo a total responsabilidade dos seus actos perante si e os outros, sem pelas nem entraves por serem ditados pela razão, dignidade, honestidade e coragem, atributos e virtudes, que fazem parte integrante das grandes personalidades e exigíveis a todos, que se situam em zonas importantes da vida nacional, seja na política económica e financeira, administrativa e de governação ou social e cultural.

A maturidade e democraticidade pessoal ou de grupo não é suportada nem alimentada pela ambiguidade, antes a dissecam e a dissolvem pela comunicação, discussão, esclarecimento, compreensão, análise e síntese, por participação em diálogo, colóquio, fórmulas democráticas válidas e incontroversas de aprofundar os conhecimentos, de libertar o pensamento e de elevar o espírito e os sentimentos humanos.

Todo o indivíduo ou grupo ambíguo é imaturo e não democrático, nem serve a causa autêntica ou por excelência da Democracia, seja pelo que for, quer por jogo ou compromissos, que

## A CASA DA SORTE inaugurou em Faro modernas e eficientes instalações

(Continuação da pág. 1)

dos administradores que sucessivamente foram alargando a sua actividade ao Porto, Lisboa, Coimbra, Lobito, Luanda e Lourenço Marques.

Encerradas estas 3 últimas sucursais (em consequência da «exemplar» descolonização) a Casa da Sorte está agora interessada em alargar a sua actividade por este pequeno espaço europeu de Portugal, criando novos postos de trabalho para os regressados daquelas cidades africanas.

Faro, foi agora a cidade escolhida, talvez porque o Algarve oferece perspectivas de progresso económico que todos desejamos que seja rápido e eficiente, como rápidos e eficientes foram os obreiros das novas e magníficas instalações da nova Casa da Sorte, que teve a sorte de poder instalar-se em pleno coração do centro comercial da capital algarvia: a Rua de Santo António, n.º 24.

Para tornar mais festiva esta inauguração, a administração da Casa da Sorte trouxe até ao Algarve um numeroso grupo de

ganones e cabeçudos, acompanhados de gaiteiros de gaita galega, que divertiui a população de Faro na véspera do dia da inauguração, a qual foi ainda assinada com um magnífico beberete primorosamente servido pela Pastelaria Gardy, e que contou com a presença de S. Ex.ª Reverendíssima o Sr. Bispo do Algarve, sr. Governador Civil de Faro, Presidente da Câmara de Faro e outras entidades oficiais e ainda representantes da imprensa.

Pela Casa da Sorte estiveram presentes o Presidente do Conselho de Administração sr. Avelino de Magalhães; o Administrador sr. Ernesto António Palha da Silva; o gerente da sucursal de Faro, sr. Mário José Gonçalves da Silva, o gerente da sucursal de Setúbal e os 7 funcionários de Faro.

Falecido há 2 anos, o Comendador Nogueira da Silva foi um homem de bem durante toda a sua vida, praticando a caridade com a prodigalidade que os seus bens lhe permitiam, tendo por isso recebido altos galardões de benemerência.

A sua natural inclinação para beneficiar os mais desfavorecidos levaram-no a fazer construir em Braga um bairro, sem pagamento de renda, mas com a condição de o inquilino sair logo que os seus rendimentos lhe permitissem pagar uma renda, dando assim lugar a outra família menos afortunada.

Também não podemos deixar de assinalar uma outra particularidade do homem que fundou e dinamizou a expansão da Casa da Sorte, o que revela a justiça dos seus ideais de solidariedade para com os seus mais dedicados colaboradores. Queremos referir-nos ao simpático gesto de ter deixado em testamento todas as suas acções da firma aos empregados, na proporção da sua antiguidade.

Devido a este facto, são hoje accionistas da empresa 115 dos seus 160 empregados, o que naturalmente contribui para que os problemas da Casa da Sorte sejam tratados com aquele zelo de quem trata dos seus próprios problemas, o que representa uma simpática posição para a qual vão evoluindo as sociedades modernas — em choque frontal contra a degradante situação naquelas atrasadas países onde todos trabalham escravizados pela tirania dum Estado opressor e despótico.

Agradecemos à gerência da Casa da Sorte a amabilidade do convite que nos dirigiu.

## LUIZ PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia, n.º 31 — Tel. 62406

LOULÉ

## COMPRA-SE

TERRENO OU PRÉDIO PARA DEMOLIR, DE

PREFERÊNCIA C/ PROJECTO APROVADO.

CONTACTAR PELO TELEF. 62449 — LOULÉ.

## JALEX - PUBLICIDADE

RECLAMOS LUMINOSOS

CARTAZES PUBLICITÁRIOS



Telefone 53247  
Rua 5 de Outubro

ALBUFEIRA

(10-4)



# Conversas com a Ti' Gertrudes

Crónica

de LUÍS PEREIRA

Não se trata da Ti' Gertrudes da reacção, a esposa do Pai Tomás. Essa sempre conheceu a assistência, o amparo e o conforto. Trata-se da Ti' Gertrudes que enviuvou há anos, que tem levado uma vida de canseiras, que recebe uma mísera pensão e gasta um dinheirão em remédios.

— Diga-me lá, oh Ti' Gertrudes se está contente com o regime democrático, se agora tem mais dinheiro para comer, vestir e calçar?

— Ai, filho! Toda a vida tenho trabalhado como tu vês, mas agora os preços das coisas estão insuportáveis. O dinheiro não dá para nada. Tenho para aí esses balaios e essas alcofas, ninguém os quer comprar. Ainda ontem comprei uns carapaus já podres, pois não posso comer sardinhas por causa da vesícula, a cem paus o quilo. Valha-nos Deus, Nossa Senhora Parece que é o Diabo que entrou nesta casa. Eu, contente com a democracia? A verdade é uma coisa muito triste. Como posso eu, encerrar esses agitadores, essas galdénias de coxas à vela que já não têm respeito nenhum, esses que andam a falar nos pobres mas que querem é roubá-los? Que pouca vergonha! Os filhos já não respeitam os pais, na telefonia já se fala em merda, a televisão já mostra essas prostitutas todas nuas. Ai! Ai! Ai! Só vagabundos, barbudos, elas todas pintadas, só inconscientes e loucos! Foi o que o 25 de Abril nos trouxe!

— Mas, oh Ti' Gertrudes, não acha que o mundo vai evoluindo e que a senhora não pode prender-se a tantos preconceitos? A época é outra...

— Qual preconceito, qual carapau! Está tudo correndo como dizia o Bandarra. Isto vai para o fim do mundo. Então não vês que mais logo já não se sabe quem é moço ou quem é moça? Elas de cabelo grande e elas de calças... A ver se no meu tempo eu deixava a minha filha pintar os beiços ou pôr carvão nos olhos! As raparigas eram muito mais bonitas mais sérias. Agora mal começam a criar mamas e têm logo um montão de namorados... mas os pais é que são os culpados! Ti' Gertrudes afirmava tudo isto com impetuosidade, alterava a voz para gritar contra esta canalha, mas ao mesmo tempo com as lágrimas derramadas na face, acariciava-me o ombro:

— Tu és um belo rapaz, os teus souberam educar-te, vê lá se arranjas uma boa moça mesmo que não seja muito rica o que importa é que seja educada, compreensiva. E não queiram uma mulher que fume! Nem que beba! Pintar-se ainda é como o outro, elas já todas se pintam, agora que fume não, os beiços parece que saem raivosos!

— Ti' Gertrudes, quando casou foi de sua livre vontade ou por imposição dos seus pais?

— Nada disso. Eu sabia escolher. Gostei muito do meu Chico e fizemos um grande casamento. Coitado já morreu! Deus quis que ele fosse primeiro do que eu. Demos-nos sempre às mil maravilhas. Todos os dias, quando eu ainda podia e era uma mulher forte, acompanhava-o sempre até lá em baixo, ao Morgado de Quarteira, onde a gente tinha arrendada uma courela pequena... pois o dinheiro nunca foi muito na nossa casa.

— Mas há quem diga, Ti' Gertrudes, que o Deus da terra é o dinheiro e que o diabo é não o ter! Vocês foram felizes mesmo sem ele?

— Bem, uma pessoa nunca é totalmente feliz! Mas tínhamos as nossas coisas, às vezes zangávamo-nos mas passava logo, tínhamos fé, rezávamos, éramos diferentes desses moços pequenos que casam hoje para se divorciarem amanhã.

— Quer dizer que a Ti' Gertrudes não está de acordo com o divórcio?

— Então se a gente se pensa em casar é para separarmo-nos

logo? Então é melhor ficarmos solteiros e não nos enganarmos. — Mas a vida é feita de enganos...

— Lá isso é verdade! É por isso, filho, que tu deves ter muito cuidado com a escolha, pensa primeiro porque isto de «cornos» não tem piada nenhuma.

Ti' Gertrudes sorriu, o queixo redondo, as faces enrugadas, os olhos muito atentos às minhas perguntas. Ela é uma mulher que gosta muito de tagarelas, de saber notícias, se esta ou aquela já casou. Sou eu que lhe trago o dinheiro da pensão e ela prometeu a Nossa Senhora que me daria sempre uma coroa enquanto eu lhe fizesse aquele grande favor. Mas a Ti' Gertrudes é muito supersticiosa, acredita nas bruxas e nos lobisomens, e diz que é o demónio que está governando o nosso País.

— Oh, Ti' Gertrudes, vocemecê não acha que esta coisa dos partidos e das religiões só divide as pessoas, elas têm inveja umas das outras, ninguém se entende e são capazes até de fazerem mal umas às outras, através da feitiçaria, de drogas e outras falsas mezinhas?

— Ai, ainda não sabias disso? Toda a vida as bruxas têm empestado o mundo, eu cheguei a vê-las nas encruzilhadas, no fadário, cheguei a ver uma luz muito

vermelha e a fumaça com que elas fazem a bruxedo, o livro de S. Cipriano, ninguém consegue lê-lo até ao fim...

— Então como é que elas vestiam?

— Elas tinham um lençol branco com que se tapavam, os lobisomens transportavam-nas às costas e para quebrar o fadário era necessário queimar-lhe as roupas.

E eu terminei a conversa com a Ti' Gertrudes. Prometi que ia ter novas longas conversas com ela, não ela não sabe ler nem escrever, mas é uma pessoa inteligente com quem eu gosto de trocar impressões. É humilde, sabe fazer bolos que é uma delícia, gosta muito de sopinhas de pão, sabe muitas orações, é fraquinha das pernas mas ainda corre a aldeia para conversar com as raparigas da sua idade.

Nas eleições anteriores perguntou-me, ao ouvido: «Em quem é que devo votar?»

Mas avisou-me, logo, que nos comunistas é que não.

— Esses são contra a religião, não acreditam em Deus e eu não vou votar num canco porque já sofri de mais do coração!

Eu não lhe disse nada mas fiquei sabendo que ela votara no mesmo partido do que eu. O Partido dos que falam com a alma e dos que votam com o coração.

## NOVOS ASSINANTES

## UM POUCO POR TODA A PARTE

Em ritmo superior à inflação corrente que nos ataca a economia, o número de novos assinantes não pára de crescer, numa torrente quase diária que só demonstra a cada vez maior aceitação e reputação de que «A Voz de Loulé» goza, um pouco por toda a parte do Mundo.

Se hoje já somos muitos, amanhã seremos muitos mais, desde que cada um de nós arranje mais um amigo para entrar na nossa família informativa.

A seguir, publicamos mais uma lista de aderentes ao nosso jornal e que são os Ex.mos Senhores:

Feliciano José Pinguinha dos Santos, António Justino G. Gomes, Francisco R. Ramos, Olímpio Manuel Guerreiro, D. Maria Odília S. Cavaco Chagas, José António C. Laginha e Isaurindo S. Mendes e José Tomás, de Loulé; Joaquim Manuel Dias e José Joaquim V. Nunes de S. B., de Alportel; Henrique Luís de B. Figueira, António M. Carvão, de Faro; António Manuel Coelho Laginha, Dr. Neves Anacleto, de Lisboa; Manuel G. Gomes, Ameixial; D. António das Dores Viegas, Almansil; Manuel Nascimento, Albufeira; Restaurante «A Canoa» e Manuel Marques Maia, Quarteira; João Maurício Rosado, Vilamoura; João José Canhita dos Santos, Aldeia da Tor; D. António do Carmo Provisório, Alte; De Brito Manuel, Mademe Dias, Manuel Leandro Farrajota e Gonçalves Ilídio, França; José Pereira Cavaco, Manuel G. M. Lourenço, Austrália; Imprensa Portugal, Lda., Serpa; Vítor Guerreiro, U. S. C.; Modesto S. Pires, Manuel de Sousa Gualdino, D. Maria Margarida Gago Lopes, Alvaro Manuel P. Guerreiro, Cus-

tódio António, Daniel Cebola, Sunshine Clube, Loulé; Exaltor, Salco, Climalgave, Faro; Manuel Coelho Guerreiro e Casa Rita, Quarteira; Rudolf Wehr, Albufeira; Mário José C. Dias, Boliqueime; Dr. Júlio Batista Vilamoura; D. Teresa Lopes Cavaco, Ameixial.

Para todos vai o penhor da nossa gratidão pela simpatia revelada para com o nosso jornal.

## RELATÓRIO E CONTAS DO BANCO ESPÍRITO SANTO & COMERCIAL DE LISBOA

Do Banco Espírito Santo & Comercial de Lisboa, recebemos o Relatório e Contas relativos ao exercício de 1978. Com um capital de mais de dois milhões de contos, a Administração apresentou um resultado positivo de cerca de 240 mil contos, o que confrontado com o resultado do ano anterior, 1977, que foi de 110 mil contos, traduz na verdade uma maior racionalização da gestão, e também uma recuperação sensível da movimentação do dinheiro, como o explica o aumento dos quantitativos das Operações Ativas, que de 1977 para 1978, passaram de cinco milhões e trezentos mil contos, para nove milhões e oitenta e sete mil contos. A título de curiosidade, diga-se que o Balanço do Banco Espírito Santo acusava em 31 de Dezembro de 1978, um crédito concedido de mais de 67 milhões de contos, contra 55 milhões, em igual data do ano anterior. Aos juízos que aí estão, é caso para dizer: está passando muito bem, muito obrigado!

## «O EMIGRANTE»

Temos recebido na nossa redacção o jornal português «O Emigrante» que se publica em Valência, na Venezuela, de que é ilustre director o sr. José dos Santos Carvalheira. Com uma óptima apresentação, e um bom volume de páginas, «O Emigrante» revela uma preocupação constante de actualização com o torrão natal, noticiando e reportando o que se passa em locais específicos, e zonas geograficamente

diversas. Fruto de portugueses emigrantes na Venezuela para portugueses de todos os continentes, é com muito prazer que recebemos aqui as notícias dos nossos emigrantes, das suas iniciativas, e das suas actividades. Da nosa parte, para os nossos irmãos de além mar, vai um abraço muito estreito, não só como colegas da informação, mas sobretudo, como portugueses que nos orgulhamos de ser,

## A LINDA CONSTITUIÇÃO QUE NOS DERAM

(IV)

(Continuação)

O privilégio de ser servido em primeiro lugar pertence às classes trabalhadoras, depois o povo que se amole.

Temos pois na alínea c) do artigo 9.º o primeiro privilégio.

O artigo 52.º preceitua que incumbe ao Estado garantir o direito ao trabalho, assegurando:

d) «A formação cultural, técnica e profissional dos trabalhadores, conjugando o trabalho manual e o trabalho intelectual».

Cá temos o 2.º privilégio para a classe trabalhadora, sem qualquer migalha para o povo.

O artigo 53.º também é dedicado aos trabalhadores o qual lhes consagra o direito ao trabalho como um privilégio.

a) A retribuição do trabalho, segundo a quantidade, natureza e qualidade.

b) A organização do trabalho em condições socialmente dignificantes, de forma a facultar a realização pessoal;

c) A prestação de trabalho em condições de higiene e segurança;

d) Ao repouso e aos lazeres, a um limite máximo da jornada de trabalho, ao descanso semanal e a férias periódicas pagas.

Como se vê não se trata de privilégios odiosos e ofensivos, mas, de qualquer forma, de privilégios a favor de uma classe restrita de portugueses, o que é ofensivo do princípio de igualdade entre todos os cidadãos e violador do n.º 2 do art.º 13 da Constituição que estabelece o princípio de que «Ninguém pode ser privilegiado».

Desta maneira, pode dizer-se, com razão, que a Constituição estabelece princípios falsos e mentirosos para iludir a Nação Portuguesa.

Proclamar que «Ninguém pode ser privilegiado», mas encher de privilégios o proletariado contra a grande maioria dos portugueses, é uma hipócrita posição que obriga estes a desprezar e a repudiar a Constituição.

E o caso é mais visível na prática quando a mesma Constituição estabelece princípios genéricos que parecem justos mas que desarmam os cidadãos contra a actuação privilegiada do proletariado.

Assim, quando a Constituição estabelece o art.º 53, alínea a), que todos os trabalhadores têm direito.

«A retribuição do trabalho, segundo a quantidade, natureza e quantidade...».

Patenteia uma tão profunda hipocrisia que merece o repúdio profundo de todos os cidadãos rectos e honestos de Portugal.

Porquê? Porque estabelece um princípio que a sua estrutura não permite a mais leve aplicação.

Este princípio moral de salário igual para trabalho igual não passa de penas de pavão com que tal Constituição pretende enfeitar-se.

Na realidade, entre cem operários com trabalho da mesma natureza há uns tantos que produzem a quantidade x de trabalho; há outros, que produzem x—10 e outros ainda que produzem x—20.

Estes últimos são os que menos produzem e que em geral são os que mais falam e os que mais reivindicam aumentos de salários; eles são verdadeiramente prejudiciais. Todavia o patrão não pode despedi-los, nem pode pagar-lhes salários inferiores aos daqueles que produzem o suficiente para justificar o seu salário.

Mas mais realce merece o facto de, no caso de aumento de salários, o patrão não poder distinguir os que mais merecem com aumentos superiores aos daqueles que menos merecem.

A empresa que pretendesse pagar melhor aos que mais merecem seria vítima dos sindicatos que lhe imporiam uma furiosa e destruidora greve, com ameaças de novas formas de luta, sem que o Poder Público lhes pudesse valer.

Mas não eram somente os sindicatos a lutar contra a forma moralizadora de salário igual, para trabalho igual: eram também as comissões de trabalhadores estabelecidas pelo artigo 55.º criadas para defesa dos seus interesses e para mobilizarem estes a favor do processo revolucionário que os conduzirá ao poder democrático dos trabalhadores.

Parece haver aqui uma contradição entre trabalhadores que ganhariam mais e aqueles que ganhariam menos a qual destruiria a imagem da solidariedade entre eles; todavia essa solidariedade subsiste pelo maquinismo constitucional destruidor dos poderes constituídos, formado pelos sindicatos e as comissões de trabalhadores.

A estes não custa auxiliar os que produzem menos, porque o salário a mais que não merecem é à custa do odiado patrão e do património nacional, e não de cúmplices generosos à custa alheia.

Digo e digo bem, à custa do património nacional, porque um tal maquinismo que provoca a atitude assinalada é causa da fraca produtividade portuguesa, a mais fraca de toda a Europa.

Não é por produzir menos que o proletariado ganha menos; e porque ao proletariado português não interessa o destino de Portugal, ele produz o menos possível para anelar e destruir o patronato.

Consequência disto? Não será a destruição do patrão o desaparecimento de postos de trabalho?

Qual? Então ele, o proletariado, está de olho fechado?...

Se a empresa for abaixo, ali está ele a exigir, e já, a intervenção do Estado, para que os postos de trabalho se mantenham. O trabalho é um direito dos trabalhadores, e incumbe ao Estado pleno emprego, (art.º 51 e 53 da Constituição).

Essa política de pleno emprego daveria resultar da aplicação de planos de política económica e social segundo a Constituição; mas porque o Estado é incapaz de elaborar e aplicar tais planos, o operariado encontrar-se-ia com um direito ao trabalho sem eficácia se a estrutura constitucional não proibisse o patronato de despedir aqueles que excedem as necessidades normais da empresa ou aqueles que pela sua incapacidade produtiva constituem fonte de perturbação ou um peso de ruína.

O empresário que tiver a infelicidade de lhe cair na empresa este peso de ruína jamais poderá lograr êxito em virtude do privilégio que ao proletariado confere a alínea b) do art.º 52 da Constituição. «A segurança no emprego, sendo proibidos os despedimentos sem justa causa».

Ora, esse artigo 52, como o artigo 53, são mananciais de privilégios do proletariado: formação cultural, técnica e profissional; trabalho em condições socialmente dignificantes, trabalho em condições de higiene e segurança; repouso e lazer, limite máximo de trabalho, descanso semanal e férias pagas, etc., etc..

Os privilégios do operariado, nesta Constituição contrária aos privilégios, não infindáveis; mas tais privilégios contrariam direitos daqueles que, nos 312 artigos dela, não encontram um só que os privilegie.

Esta Constituição é tão anómala e incoerente, clacissista e parcial, que com excepção do proletariado, ninguém pode considerar-se seguro de um direito mesmo que na sua letra os intérpretes possam atribuir-lhe.

(Continua)



# Consagração de Maria Campina

(continuação da pág. 1)  
Presidente da República lhe prestou, através da entrega da Comenda de Instrução Pública e de cuja missão se incumbiu pessoalmente o Ministro da Educação e Cultura, numa tocante cerimónia que comoveu a homenageada e testemunhou o apreço que as entidades oficiais já hoje têm por quem faz da arte a sua razão de existir.

Mas Maria Campina não foi galardoada apenas pelos seus méritos de artista distinta, que viu o seu prestígio aumentado sempre que lhe deparavam oportunidades de revelar sua invulgar capacidade. E também não recebeu apenas o prémio devido às suas preclaras virtudes artísticas, de que os seus sucessos são testemunho.

A sua dedicação à arte de Mozart e a robustez da sua prepa-

ração musical foram fortes contributos para a prestigiar no meio musical da cultura Europeia e isso bastaria para justificar a devida homenagem que lhe foi prestada perante tão numerosa assistência. É que Maria Campina não se preocupou apenas consigo mesma. Quis realizar um sonho que acalentava há mais de 40 anos: dotar o Algarve de um Conservatório de Música, para estimular na sua e nossa provincia o gosto pela arte musical e formar escola para as gerações futuras.

Esse um dos grandes méritos de quem sempre viveu tão dedicadamente para a música pensando constantemente nos continuadores de uma das mais belas artes com que podemos deliciar o espírito.

Do êxito do Conservatório Regional do Algarve, de que Maria Campina foi uma das principais pioneiras, falam os números com clareza indelével e impressionante: da escassa dezena de alunos de 1.º ano atinge hoje a casa do milhar, o que é perfeitamente concludente de como os jovens continuam a sentir atracção pela música.

Não cabe nesta ligeira crónica descrever o perfil da nossa illustre conterrânea, porque já o fizemos há apenas 2 semanas e ainda porque pretendemos, especialmente, relatar o que se passou e se disse acerca de Maria Campina na noite da sua consagração exactamente no local onde viu concretizado um dos mais belos sonhos da sua vida artística. A obra estava ali patente perante os olhos extasiados de quantos puderam testemunhar a graciosidade, o desembaraço, a arte e a natural inclinação dos jovens alunos do Conservatório e que atestam os préstimos de uma escola que ensina não apenas música mas também a coreografia de belos e modernos efeitos artísticos, que nos revelam toda a graça e beleza de ritmos em que a ginástica se alia à dança em surpreendentes conjuntos.

Aquilo que nos foi dado ver simboliza a dedicação e o mérito artístico dos alunos que nos mostraram as suas aptidões mas revelam também a capacidade dos professores que proficientemente ministram as suas lições no Conservatório do Algarve.

Disso são testemunho os números do programa executado e que constou do seguinte:

Execução do trecho barroco francês «Cuco», da autoria de Daquin.

Ginástica rítmica, com fitas, pelas alunas Denise Palmeira e Elsa Vale Rocha.

Polca militar de Chopin executada ao piano pelo aluno João Almeida.

Balet — Intermezzo Opus 118 n.º 2 de Brachius, executado pela aluna Helena Abreu, com coreografia da própria.

2 pianos solistas pelas professoras Silvina Madeira e Maria Isabel Cassiano. Dança andaluza El Vito de Manuel Infante. Canto pelo tenor Carlos Guilherme (solista do coro do CRA): 1.º Mar Português, poema de Fernando Pessoa com música de José Queirós. 2.º — Balada Napolitana Santa Lucia. Piano — Professor Varella Cid. 1.º — Sonho de Amor de Litz; 2.º — Austrias de Albeuniz. Coro do Conservatório Regional do Algarve, sob a regência do P.e José Pedro Martins.

1.º — Picapau — Popular Algarvia; 2.º — Where You There — Espiritual Negro; 3.º — Pescadores — P.e José Pedro Martins; 4.º — Coro dos pastores da Ópera Serrana de Alfredo Keil.

A numerosa assistência premiou com calorosos aplausos todos os números do selecto programa, numa inequívoca demonstração de simpatia e apreço pelo primoroso trabalho dos executantes e que é também o reflexo da proficiência dos professores que com tanta dedicação dinamizaram uma escola, cuja existência é considerada um autêntico milagre.

Disse-o o Dr. Joaquim Magalhães com aquela fluência que lhe é peculiar e o calor das palavras de quem sente na alma e tem vivido intensamente os problemas.

A ele se referiu o Dr. Joaquim Magalhães quando usou da palavra para agradecer a presença do Ministro da Educação e Cultura que se deslocou a Faro para entregar à distinta pianista Maria Campina a insígnia com que o Presidente da República houve por bem reconhecer e homenagear a alta qualidade dos serviços prestados no campo difícil e ingrato do ensino artístico da música, acrescentando que «Como responsável pela pasta governamental de maior peso e de menos visíveis resultados no imediato, sabe bem quanto vale o esforço de toda uma vida de docente na quase sempre anónima dedicação sem recompensas, que é vida de quem, como a nossa homenageada no ensino das sucessivas gerações se gastou e usou heroicamente».

O Dr. Magalhães terminou com as seguintes palavras:

«Entretanto, se até aqui chegamos, se da conjugação de boas vontades e de esforços resultou esta realidade presente, ela se deve ao sonho inicial, digamos, da nossa directora. E a ela se deve, depois da experiência da Academia de Música do Funchal, em que também teve participação de iniciadora, o ter vindo a ajudar a erguer obra idêntica no Algarve. Por isso, é natural o nosso júbilo. Por isso tomamos parte, com incontida alegria, nesta festa de consagração da pianista e da pedagoga. Tem ela sido o timoneiro da nossa navegação por mares nem sempre favoráveis. D. Maria Campina tem sido e é a nossa bandeira. Ela bem mereceu que as entidades superiores tenham reparado no seu esforço e o tenham reconhecido.

Hoje nos juntamos todos para aplaudir, comovidos, o cumprimento de um acto de justiça».

(Conclui no próximo número)

## TRESPASSA-SE

Estabelecimento de Fazendas, Retroseiro, Chapelaria e Confecções, situado no melhor local da vila de Loulé.

Com ou sem recheio.

Ampla espaço para qualquer outro negócio.

Tratar com Francisco Portela — Telef. 62755 — Loulé. (4-3)

# Inflacção de poetas...

Em ritmo verdadeiramente alarmante, para quem, como nós, não sobra muito tempo para proceder a pesquisas de novos valores literários, têm aparecido na nossa redacção dezenas de páginas, com centenas de frases, e muitos milhares de palavras, com a pretensão de se constituir sob a forma de poemas, pelas penas de algumas pessoas, que julgam estar na linha de António Aleixo e do sítio.

Sinceramente, custa-nos ter que recusar a publicação da grande maioria destes escritos, dada a sua flagrante falta de qualidade e mais nos custa ainda ter que dizê-lo aos seus bem intencionados autores. Desde a falta absoluta do estilo literário, ao desconhecimento absoluto pelas regras da composição poética, passando pela forma pessoalíssima e desinteressante para o

público leitor, como se apresentam na sua temática, as obras apresentadas, têm, na sua maioria, que retornar à procedência, ou seja, à gaveta dos «poetas», que deles poderão tirar o prazer muito íntimo de recitar para si próprios.

É por esta e por outras opiniões, que um dia destes nos «sacaram» com esta: «Pois é! É por isso que só reconhecem maior aos poetas, depois de mortos, como fizeram com o António Aleixo!...».

— Pois é! — respondemos nós. O que a senhora esquece (era uma lady), é que enquanto o António Aleixo tinha valor para o reconhecerem mesmo depois de morto, há milhões de «poetas» que não o são nem vivos, nem mortos. Repousam para o anonimato!...

## EUROCAMPINA - Congelação do Algarve, Lda

### SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

#### 1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado  
Nuno António da Rosa  
Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 14 do corrente, lavrada de fls. 57 a 58, v. do livro n.º C-108, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, o capital da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, que gira sob a denominação de «Eurocampina — Congelação do Algarve, Lda», foi aumentado de 2 500 000\$00 para 5 000 000\$00, tendo, para o efeito, cada um dos sócios António da Silva Soares, Adelino Antunes Conde e José Adelino Pais Lopes, subscrito uma nova quota de 500 000\$00, e o

sócio Albino Gonçalves Mesquita, uma nova quota de 1 000 000\$00, os quais unificaram estas novas quotas com as primitivas, tendo em consequência sido alterado o ponto 1 do art.º 3.º do pacto social, que passou a ter a seguinte redacção:

Art.º 3.º — 1. O capital social inteiramente realizado em dinheiro e nos outros valores constantes da respectiva escritura é do montante de 5 000 000\$ e está dividido em quatro quotas, sendo uma do montante de 2 000 000\$00, pertencente ao sócio Albino Gonçalves Mesquita, e as três restantes de 1 000 000\$00, pertencendo uma a cada um dos outros sócios, António da Silva Soares, Adelino Antunes Conde e José Adelino Pais Lopes.

Está conforme.  
Secretaria Notarial de Loulé, 16 de Julho de 1979.

O 2.º Ajudante,  
Fernanda Fontes Santana

## Liga dos Amigos de Vilamoura — LAV

### SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

#### 1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado  
Nuno António da Rosa  
Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura desta data, lavrada de fls. 36, v. a 39, v. do livro n.º A-108, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída uma associação de fim ideal, denominada «Liga dos Amigos de Vilamoura — LAV», com sede em Vilamoura, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, que durará por tempo indeterminado e tem por fim estimular o desenvolvimento de Vilamoura e

ali conjugar e apoiar os interesses e bem estar das populações ali residentes, sendo as condições essenciais para a admissão, exoneração e exclusão dos sócios, da competência da Assembleia Geral, e sendo a jóia inicial e quota mensal, dos sócios efectivos, respectivamente, de 500\$00 e de 50\$00, quota esta que poderá ser alterada por deliberação da Assembleia Geral, à qual compete também a aprovação do Regulamento Geral Interno, que deverá reger a vida da associação, no que os estatutos, forem omissos.

Está conforme.  
Secretaria Notarial de Loulé, 16 de Julho de 1979.

O 2.º Ajudante,  
Fernanda Fontes Santana

## VENDEM-SE

Dois armazéns geminados, na Rua Sá de Miranda em Loulé.

Excelente para construção nova.

Informa: José Inácio Coelho — Rua da Carreira — Loulé.

## VENDEM-SE

Apartamentos, em blocos de construção moderna, em acabamento, c/ 3 assoalhadas e a preços acessíveis, situados na Rua da Central Eléctrica.

Informa-se no local, com Manuel José Portela Neves.

(10-2)

LOULÉ



MANUEL LEAL  
FARRAJOTA

## AGRADECIMENTO

Dina Teresa Carapeto Guerreiro Farrajota e seus filhos Paula Ruth e Miguel Pedro Guerreiro Farrajota e restante família, imensamente consternados com o súbito desaparecimento do seu ente querido, cumprem o grato dever de exteriorizar a sua mais profunda gratidão a todas as pessoas que, de qualquer forma, se associaram à sua dor ou concorreram com a sua inestimável ajuda em tão difícil transe.

Neste agradecimento se incluem quantos tiveram a bondade de acompanhar o saudoso extinto à sua derradeira morada e apresentaram os seus sentimentos de pesar pelo infausto acontecimento.

A todos, enfim, apresentamos os mais sinceros e inesquecíveis agradecimentos.

## PESQUISA DE ÁGUA

SE A SUA PROPRIEDADE TIVER ÁGUA  
ESTA FICARÁ MAIS VALORIZADA  
Certifique-se dessa possibilidade consultando



### FRANCISCO MARTINS

Considerado presentemente o melhor védor de Portugal. Através dum moderno aparelho magnético ou simplesmente por raio visual, assinala a passagem da água a qualquer profundidade, possibilitando a abertura de poços com segurança e êxito.

Toma responsabilidade pela indicação dos furos artesianos

Se precisa de água na sua propriedade contacte com

FRANCISCO MARTINS

VICENTES - TÔR

Telef. 62096

LOULÉ  
(2-1)



# Um romance da vida

Por  
AMANCIO LIVRAMENTO

Naquela noite do mês de Maio o céu encontrava-se nublado e um vento cortante como lâmina infiltrava-se através das janelas.

De vários lados recolhiam aos seus lares gente de diversas profissões, alguns de aspecto humilde, notando-se nos seus semblantes um olhar de privações, de canseiras e de sorrisos, e quicá... mal alimentados?!

Vivemos numa Sociedade cruelmente egoísta e fustigada pela vil exploração entre os homens, num Mundo onde predomina a injustiça social.

Na solidão glacial da noite, cheia de enigmas... surgem dois seres humanos e aproximam-se dum lar familiar, e inopinadamente tocam a campainha dum residência dum respeitável ancião que vem abrir a porta com certo receio naquela hora já um pouco tardia.

Deparam-se na sua frente um ser feminino conhecido e outro do sexo masculino desconhecido, e nesse momento, a voz feminina acentuadamente anunciava:

«É o Romeu! — É o seu filho!»

Houve um choque e uma surpresa inesperada na alma da quele progenitor; e na sua mente fluía mil cogitações sombrias dum passado que não deixou saudades!...

São volvidos trinta anos que um filho ingrato vem conhecer e contactar o pai numa altura já muito tardia da sua vida.

Durante a sua longa ausência nunca teve a lembrança de escrever uma carta amistosa e carinhosa, e só agora lhe acode à mente os sentimentos de amor filial e sanguíneo que deviam existir após a sua adolescência perante aquele que lhe deixa um nome sem mácula para seu orgulho.

*Este pungente drama é narrado com dor e comoção por um pai ofendido que sente a sua alma crivada de espinhos e de cicatrizes que só desaparecerão no túmulo.*

Nos seus olhos brilhava um sentimento de revolta e de angústias pela maneira sincera como descreveu esse drama, que representa uma história de todos os dias desde que o Mundo é Mundo.

*As dores do espírito também ferem a dor da carne, deixando na sua passagem marcas invisíveis de sofrimento que san-*

gram até ao último minuto da vida!...

Cada criatura humana transporta um romance, mais ou menos longo, sempre diferente... que crucifica a alma durante a existência.

No desenrolar da vida de muitos seres humanos projectam-se situações críticas em que os filhos são as primeiras vítimas, originadas na generalidade por desinteligências e hostilidades que «DE DIE IN DIEN» se vão avolumando numa corrente tempestuosa, contribuindo para um verdadeiro naufrágio num mar de ódios.

Todos estes graves problemas é o peso de conflitos espirituais, de ingratidões e de carência do amor entre todos que conduzem paulatinamente à ruptura da convivência humana que destrói o próprio sangue.

SEM PAZ, SEM AMOR E SEM TOLERANCIA NUNCA PODERÁ EXISTIR A FELICIDADE HUMANA!...

*A vida é um alvorecer de tempestades destruidoras, de tragédias e de desdidas que aniquilam lentamente o coração humano.*

É um rosário feito de amarguras, de incompreensões e de incoerências que representam frêmitos dolorosos que dilaceram a vida familiar.

Esta história está ligada ao drama daquelas almas inquietas e traumatizadas que sofrem o seu atrás destino neste mar encapelaado em que navegamos!...

VIVER É SOFRER NESTA TRÁGICA CONDIÇÃO HUMANA!...

## ISENÇÃO DE PROPINAS ALARGADA

A atribuição de subsídios ou bolsa de estudo em qualquer nível do Ensino Secundário oficial implica automaticamente a isenção de propinas — estipula uma Portaria do MEIC publicada no «Diário da República».

A percentagem máxima de alunos isentos do pagamento de propinas será de cinquenta por cento do número de alunos matriculados em cada ramo do ensino podendo elevar-se a 75 por cento nas Escolas do Magistério Primário e nas Escolas de Educadores de Infância.

A Portaria do MEIC determina ainda que a isenção de propinas

(Continuação do n.º anterior)

Como senhor que se julga altamente evoluído, culto, inteligente, sabedor de todos os problemas, considera V. Ex.ª que nós, «nem social, nem económica, nem politicamente, fomos capazes de tratar do problema da «Agrária», que interpretamos como um aborto e uma chaga, que torturam psicologicamente a maioria dos portugueses, mas que V. Ex.ª considera «tão certa e inevitável como a chuva que neste preciso momento está caindo, por certo, sobre Teherrapun-dji».

Pois é, nós não seguimos a doutrina marxista e por isso mesmo não escrevemos aquilo que o sr. Dr. gostaria de ler. Daí a razão porque V. Ex.ª entende que só «agitamos espantalhos, exibimos papões que não metem medo a ninguém».

Pelo contrário, V. Ex.ª tratou o problema com aquela capacidade que a característica dos homens atilados, capazes, conhecedores, hábeis, instruídos, lúcidos, perspicazes, sábios, doutos, destros, judiciosos, perigosos, versadores e, naturalmente, espertos.

É tudo isto graças principalmente ao facto de V. Ex.ª ser um homem instruído... porque seus pais lhe puderam proporcionar um cursozinho superior que lhe permitiu saber tanto que hoje se pode dar ao luxo de chamar ignorantes àqueles que não puderam frequentar a Universidade.

em qualquer grau do Ensino Secundário oficial compreende as propinas de matrícula, inscrição, frequência ou exame e trabalhos práticos.

O novo diploma entra imediatamente em vigor e revoga as Portarias 434/74 e 600/76 que até agora regulamentavam este assunto.

NOTA DA REDACÇÃO — Esta isenção de propinas alargada, vem um pouco ao encontro do nosso pensamento, e dos esclarecimentos que algumas pessoas nos têm solicitado sobre esse assunto, tendo em vista a quebra cada vez maior do nível de vida das famílias, colocando dificuldades maiores àquelas que têm filhos a estudar. Incusivamente, note-se que, agregados familiares que ontem podiam suportar sem grandes sacrificios as despesas escolares dos filhos, hoje não o podem fazer, e têm que recorrer para os pedidos de isenção de propinas. De resto, é nossa convicção que o Ensino, público deveria ser totalmente custeado pelo Estado, pelo que, esperamos que esta percentagem máxima de cinquenta por cento de alunos isentos, seja brevemente ultrapassada, e deixem de existir na Escola, pelo menos e para já a este nível, as barreiras da desigualdade social entre os que podem pagar, e os que não podem. Ao menos nestes aspectos primários, já que outros, bem mais profundos, são mais difíceis de superar.

## ALUGA-SE

Armazém de construção recente com a área de 100 m2 e casa de banho, a 50 metros da E.N..

Tratar no local com Apolnário Quintas — Sítio do Além — Almansil.

## VENDE-SE

Carrinha marca Saviem 3.500 quilos, caixa aberta.

Trata: Auto Mecânica do Areeiro, Estrada Goncinha — Almansil.

(3-1)

# O Dr. Dias Costa responde-nos para... encerrar a polémica (II)

Por isso, todo impante do alto da sua incomensurável sabedoria académica, V. Ex.ª escreveu: «Panso contudo que mais intenções há, no vosso caso, ignorância». Pudera: quem não aliha por certas teorias é marcado com o ferrete da ignorância. Mas não faz mal, mais vale ser ignorante e ter ideias próprias do que esperto e culto e seguir ideias alheias como os carneiros seguem o pastor que vai à frente a guiar-lhe o caminho.

Além disso parece-nos que não é crime ser-se ignorante, e apenas uma consequência da infelicidade de termos ficado sem mãe nem pai, aos 8 e 9 anos de idade, respectivamente, e a partir daí sujeitos a um trabalho duro em troca de alimentação para sobreviver.

Contudo, apesar da nossa comprovada ignorância, pois, infelizmente, nem sequer frequentámos o Liceu, não recusamos desafiar para uma polémica qualquer dos 17 já famosos juristas do Algarve que vieram a terroiro defender essa coisa incrivelmente absurda que os sociais-fascistas pomposamente chamam de Reforma Agrária para enganar o Zé Pagode e convencê-lo que, finalmente, através de «substanciais aumentos de produção, vamos ter abundância de alimentos e... acabar com a miséria».

... E ainda por cima têm o descaramento de escrever que a «Agrária» tem o apoio da «maioria dos portugueses como se ainda estivessemos com os olhos fechados, em consequência dos 50 anos de obscurantismo e esquecendo-se que o 25 de Abril ocorreu há 5 anos!

Com que então agitámos espantalhos e exibimos papões que já não metem medo a ninguém?

A falta de argumentos válidos, diz o Dr. Dias Costa que os papões (serão aqueles que comem as crianças ao pequeno almoço?) e os papões já morreram de velhos, gastos — e considera, naturalmente, que os nossos argumentos são o espelho da nossa ignorância e esquecendo-se que velhas e gastas são as teorias marxistas... porque desfazadas do Século XX.

Vê-se que há no pensamento do Dr. Dias Costa um sádico prazer de amesquinhar os ignorantes. Aqueles que não subiram as escadas da Universidade e que são o povo de cujos interesses se diz arauto defensor... só para defesa da sua tendência política.

Por isso, ciente da sua incomensurável sabedoria, senhor absoluto de ideias retrógradas e anarquistas, o Dr. Dias Costa considera que no nosso «cérebro tudo são fraquezas, confusões e impotência ante a grave problemática reforma agrária de cujas facetas mais sérias nem sequer suspeita».

Assim se vê, de que lado está a forja da inteligência, a clareza de princípios, a sabedoria acerca dos variados e complexos problemas da agrária!

Para se saber de tudo (e bem) não há como ser-se advogado.

É tanto assim que atira contra nós «a divagação e a montanha de distorções» (esta palavra também se pode escrever com i mas neste lugar e sentido escreve-se «distorções») e «provocações».

Com que então provocações e não revelamos provas de nada? Pelo que nos diz, vê-se que não gostou mesmo nada que lhe sugerissemos uma excursão pela África.

Pois é. Aquilo por lá está mau, é a fome, a miséria, a corrupção, os julgamentos, as prisões em massa, a cega obediência ao partido único...

Prometeram-lhes a Liberdade... deram-lhes a escravatura mais humilhante.

Não passou despercebido ao

Dr. Dias Costa que «A Voz de Loulé» seja feita em Rio Maior e isso traz-nos à lembrança o que aconteceu ao «República», que era o jornal mais anti-fascista antes do 25 de Abril e que pouco depois não encontrou nenhuma tipografia em Portugal que aceitasse imprimi-lo... só porque recusou ficar ao serviço do P.C.P. Passou a ser impresso em Paris... até que fechou.

Com a maestria que é peculiar aos advogados, o Dr. Dias Costa vem-nos revelar que «ter a posse não é ser dono», e isso significa que um indivíduo que possui uma propriedade não é dono dela, assim como «os camponeses que avançaram para a posse da terra» foi única e simplesmente para servirem o Partido Comunista, que manda entregar ao Estado onipotente e monopolista.

Assim sendo, os donos da terra não são donos embora possuindo-a e os rendeiros também não são donos... embora possuindo-a, tal como o caso de senhorio e inquilino. Chega-se assim à conclusão que ninguém é dono de nada. E viva o socialismo!

Não há dúvida: o Dr. Dias Costa é um advogado insuperável, astuto, sagaz, sábio, eloquente, persuasivo, famoso, prudente e que ficará célebre nos anais de foro algarvio, pela sua extraordinária inteligência e capacidade criadora.

Não há dúvida que o Dr. Dias Costa, apesar da sua elevada cultura não sabe destrinçar as palavras «distorcer» de «destroncar», pois diz que tiveram a coragem (a coragem, imagine-se!) de «distorcer» o que escreveu.

Sr. Dr.: para combater a fragilidade dos seus argumentos de cassete não precisamos de distorcer o que escreveu. Só qualquer gralha tipográfica podia alterar aquilo escreveu. Nunca poderíamos provocar gralhas propositalmente assim como não poderíamos deixar sem resposta algumas afirmações que faz. Por isso não podemos encerrar hoje esta já extensa polémica. Deixamos ainda mais alguns comentários para o próximo número.

## AUTO MECÂNICA DO AREEIRO

Estrada Goncinha - Almansil, tem para venda, as seguintes viaturas usadas:

- Saviem, caixa aberta, 3.500 quilos
- Peugeot 404, caixa aberta, a gasóleo
- Morris Mini 1000
- Citroën Dyane Super
- Ford Escort Station
- Honda Coupé 800 S

(3-1)

## VENDE-SE

Propriedade com 10.000 m2, (só terra de semear) situada nos Corgos de Santa Luzia (a 100 m da estrada do Barranco do Vêlho).

Informa: Manuel Pires Marum — Vale Formoso — LOULÉ.

## ALUGA-SE

Armazém em fase de acabamento com a área de 150 m2 na Rua da Marroquia.

Trata no local ou pelo Telef. 62891 de Loulé.

## A ANOP, peça da propaganda marxista?

A ANOP é, a agência noticiosa estatal, que difunde e vende notícias, a todos os órgãos da comunicação social, através dos quais, os factos chegam ao conhecimento público. De onde, a importância que assume, a necessidade e a exigência de uma absoluta imparcialidade, no veicular de acontecimentos, despidos de quaisquer comentários ou refracções que deturpem as mensagens em causa, ou induzam o público tendencialmente e sectariamente para uma determinada corrente de opinião, a que se abrem as portas.

Múltiplas vezes, diversos órgãos da comunicação social, se têm queixado pelo factor falso e tendencioso com que certas notícias são tratadas pela ANOP. Desta feita, é o próprio Governo Regional da Madeira, que em nota oficiosa divulgada pelo seu Presidente, Alberto João Jardim, vem à liza, e de onde respigamos as seguintes passagens:

«A formação da opinião pública é um valor essencial para a institucionalização da democra-

cia, daí que se exija total imparcialidade à agência noticiosa do Estado, e não seja de consentir que ela constitua mais uma peça de propaganda marxista e antipatriótica.

É dentro deste princípio que o Governo Regional decidiu protestar contra a ANOP, a qual não pode ser veículo de actividades políticas, deve limitar-se a exprimir os pontos de vista e as razões de todos, não pode introduzir o seu comentário habitualmente tendencioso aos factos ou às posições de cada um, não pode recorrer a omissões para criar imagens distorcidas».



## A ESTRADA DE SARNADAS — uma necessidade imediata

(Continuação da pág. 1)

de 2000 habitantes, que têm necessidade permanente de o utilizar. Isto é, cerca de 35% da população de Alte não tem acesso fácil para se deslocar à sede da sua freguesia.

Dizer-se que a solução viária para os sarnadenses é um problema instantâneo, urgente, parece-nos um estafado lugar-comum desnecessário. Mãos à obra é o que aquela gente precisa de ver, para que a via-sacra do seu calvário se extinga de vez.

A Câmara e a Assembleia devem fixar na agenda das realizações prioritárias a estrada Alte-Sarnadas-Azinhal, para que, logo que exista dotação de verba para o efeito, se dê execução à empreitada. A obra, dado o seu volume financeiro, tudo indica vir a ser faseada em 2 ou 3 lanços.

### 2 — EMIGRAÇÃO: FADARIO E SALVATÉRIO

Sem meios de comunicação as populações tendem a estagnar-se, e então procuram fugir à estagnação, emigrando.

Quando as gentes humildes das nossas aldeias e sentem isoladas das benesses do progresso civilizacional e do bem-estar económico e social, nasce nelas, como é óbvio, a tentação de desertar para outras terras. Daqui o êxodo para os nossos meios urbanos, não o fazendo para o estrangeiro por lhes ser difícil, actualmente, concretizar essa aspiração legítima, mas a mais das vezes dolorosa.

As aldeias ficam, então, mais pobres, após a abalada da melhor seiva humana. Com a partida dos mais jovens braços, a vida agrícola local retrocede, restando-lhe somente a triste realidade duma «agricultura de velhos», os quais, estoicamente, entre tanta mandriice e parasitando (viciado e oportunista) das vilas e cidades, são os que ainda comem (às vezes pouco e mal) algo do que o seu suor produz. Abençoada — mas sacrificada gente — a quem tantos procuram enganar, despidoradamente, com vergonhosas promessas, quando os campanários eleitorais tocam os sinos ardilosos da captação dos seus votos.

Fazemos aqui uma pausa no percurso discursivo, para apresentar ao leitor, pela eloquência dos números, o quanto representa o desgasto demográfico provocado pelo surto emigratório: em 1958 Alte tinha uma população de 7 200 habitantes; presentemente não atinge os 6 000.

Prossigamos. Com o abandono das aldeias por gente realmente devotada ao trabalho surgem, à luz da realidade objectiva, outros males: as casas que sobram nas aldeias e as que faltam nos meios urbanos, a atrapaçar ainda mais as carências habitacionais citadinas. E desta arte que surge a epidemia das anti-higiénicas e inestéticas barracas ubicadas na periferia das vilas e cidades.

Depois, com o decréscimo populacional evidenciado pelos povoados semi-habitados, a vida social e económica das aldeias resente-se, especialmente no pequeno mundo de negócios locais, os quais, já meio combalidos comercialmente, entram em transe

de sobrevivência. Porém, todas as medalhas têm o seu reverso: se os portugueses que emigram para o estrangeiro mandam para Portugal as suas poupanças em divisas estão, com essa valiosa ajuda, a contribuir para a prosperidade do seu país, o mal menor da conjuntura emigratória. Não há dúvida que são bem dignos da admiração de todos nós, e por isso merecedores do penhor da nossa gratidão como bons portugueses que o são.

### 3 — MISSÃO RURAL DAS AUTARQUIAS

Os dirigentes das nossas autarquias têm que olhar de frente e com espírito de missão para o estado depressivo das nossas aldeias, provocando — sem tibiezas e hesitações — a ruptura da diferentes desigualdades existentes entre o mundo urbano e rural, através da superação ou desfazamento do quadro de necessidades mais prementes, preferenciando as povoações rurais cujo atraso é mais notório.

Eis um tema apaixonante: saber escutar e solucionar com equanimidade o justo clamor dos extractos populacionais mais carenciados, que povoam o sub-mundo rural e vivem em condições, por vezes, infra-humanas. A instalação e prestação de serviços de segurança social (postos médicos, previdência, etc.) e a aplicação das infra-estruturas técnicas e de apoio da nossa era, é mais que um direito que lhes assiste, é uma exigência dos tempos presentes.

Depois saber distribuir com parcimónia e equidade o pouco que um País pobre tem para oferecer aos seus filhos, sabendo distinguir o que é mais do menos urgente, deve ser uma exigência positiva duma sã administração municipal.

### 4 — NOTAS VARIAS

Os dois artigos publicados em «A Voz de Loulé» são, em boa parte, produto do que vimos e ouvimos na companhia de dois alentejanos de primeira apanha: os srs. Analide Martins Lourenço, Presidente da Junta de Freguesia e José Pedro dos Santos Mestre, comerciante e membro da Assembleia Municipal de Loulé. Ambos foram para o signatário preciosos e gentis anfitriões e cicerones.

A Assembleia Municipal votou a Alte para cumprir a decisão de reunir publicamente, o que fez 15 dias depois e agora com a presença mínima e regimetal dos seus membros. Não estivemos presente, por descuido dos serviços camarários em não terem posto à disposição dos membros da Assembleia, veículo e motorista. Lamentamos.

J. F. Torres

## APARTAMENTOS EM QUARTEIRA

Vende-se um apartamento no 14.º andar da Torre Azul. Bons acabamentos.

Servido por 3 elevadores. Com chave na mão.

Tratar: telef. 62353 - Loulé. (3-1)

## VENDEM-SE

Propriedades próximo desta vila e periferia, de boa terra de semear e abundante arvoredo. Facilidades de água e luz.

Tratar na R. Condestável D. Nuno Álvares Pereira, 3 (Largo do Chafariz) — Loulé.

## VENDE-SE

Um táxi e o respectivo aluguer no Ameixial.

Informa: José Guerreiro Fernandes - Ameixial - Loulé. (6-1)

# CARTAS AO DIRECTOR

Caro director de «A Voz de Loulé».

É minha intenção desmascarar as injustiças que hoje marcam a nossa sociedade e turvam as mentes daqueles que ainda pensam em defender a verdade.

Puro idealismo? Talvez.

O certo é que a sociedade justa que todos apregoam, ainda não foi construída. Poderá acontecer que nunca o seja. Mas isso é apenas uma função daquilo que cada um fizer em prol do progresso, entendido como o caminho para a felicidade.

Filosofia barata? Talvez.

Eu sou uma jovem, mas quero com todas as minhas forças lutar pela justiça. Tenho poucas armas, mas a palavra é uma delas. Depende agora de si completar o princípio desta minha obra. Tem-no feito. Basta dizer que todos os artigos que enviei para o seu jornal, que também é nosso, foram integralmente publicados. Estou-lhe grata. Mais tarde poderei ser eu a ocupar um lugar idêntico ao seu. Depende da sua atitude de agora, a minha atitude do futuro.

Muito poucos em Portugal apoiam as iniciativas dos novos valores. Não me considero novo valor, mas tenho iniciativas. E o senhor através do seu jornal tem-me apoiado.

Talvez seja um abuso da minha parte, pedir-lhe mais uma vez um lugar na Voz de Loulé para um artigo meu, sem qualquer qualidade. Peço desculpa, mas tenho um enorme desejo de escrever.

Grata pela atenção dispensada, sou atenciosamente,

Jacinta Cardoso

### QUEM TIVER OLHOS QUE VEJA...

Ensino livre, anti-materialista, apartidário. A tinta que diariamente corre nos meios de comunicação. Títulos marcantes. Artigos atulhados de impressionismo. A diáfana utopia desmascarante e mascarada. Pura poesia e lirismo idealistas excluídos de problemas primários. Justos certamente, mas de carácter secundário.

Quem, senão os que detêm interesses no ensino, poderá pretender uma escola mais ou menos marxista?

Uns, mascarados sob uma capa socialista que mais não é senão hipocrítica mentira, querem à força conquistar o poder e conseguir assim o que invejam dos «grandes».

Outros, detentores do poder e defensores duma moral ao serviço dos seus interesses, não querem perder os privilégios, que contra o que alguns dizem, afinal até sabem bastante bem.

E assim o coitado do pobre estica de uma banda, estica de outra banda, aperta o cinto, encolhe a barriga e, como sempre, fica a olhar admirado, abrindo muito os olhos numa atitude de quem não entende absolutamente nada, ora piscando o olho à esquerda, ora à direita e, o que é pior, ficando para trás eternamente esquecido por não perceber da matéria e não passar dum irracional.

E entretanto, quando afinal descobre que para saber é preciso aprender, eis que as portas do ensino lhes são fechadas, numa atitude de mero desprezo, porque afinal o que interessa não é a capacidade de cada um, mas sim o dinheiro ou as acções que este ou aquele possui.

O triunfo da pessoa é uma função da posição social que ocupa. Pessimismo? Demagogia?

Chamem-lhe o que quiserem.

O certo é que basta olhar à nossa volta, para que a injustiça se nos apresente simulada por ideologias macabras disfarçadas de progressismo ilusório, que não atende às realidades nem capacidades de cada um. Que não vê ou não quer ver, jovens inteligentes, principalmente raparigas, condenados a uma existência de amarrados entre quatro paredes, servidão. Elas, destinadas a serem mais uma entre as muitas que de manhã à noite cosem rou-

pa, cuidam de filhos, e «apanham porrada» dum cretino que as transforma em escravas dos seus instintos, quando afinal poderiam ser óptimas profissionais, grandes nomes do progresso.

Enquanto isso as filhas dos papás, estudam se apetece, vão às aulas quando apetece, e contudo até têm boas médias e privilégios então nem se conta. Estas são as meninas bem como esta é a bela justiça da nossa sociedade.

Jacinta Cardoso

**NOTA DA REDACÇÃO** — Jacinta Cardoso, jovem, muito jovem ainda, é o que se poderá dizer, uma flor em embrião. Falta-lhe o abrir das pétalas para descobrir o mundo, escasseia-lhe ainda o pólen, para oferecer às abelhas. Existe ali, naquele embrião, traços vincados de uma missão a cumprir no mundo, não já como flor, mas como um fruto, a que carece o amadurecimento. É que, realmente, a luta da vida é tão tragicamente violenta, que quase não sobra recanto onde uma flor possa desflorar e amanhecer em doce melopeia de felicidade, que não venha uma rajada de vento mau, e a deite irremediavelmente por terra. É por isso, para conseguir sobreviver no vendaval da vida, que a grande maioria de nós viu morrer-lhe a flor das boas intenções, substituída pelo fruto do pensar realista. Há que sair das quatro paredes, sim, mas das quatro paredes do sonho e da ventura, do idealismo e da can-

dura, para observar o que se passa cá fora, e viver, se assim se quiser, de acordo com as regras do sistema.

O mundo é realmente mau. Mas que diabo! Quantos milhões de nós não quiseram já mudar o mundo, sem o conseguir? Continuam a existir graves injustiças, desigualdades, discriminações? É verdade! Mas, que diabo! Reconhecamos o quanto se progrediu desde o tempo em que a escravidão era uma instituição, o ensino um privilégio, a mulher um objecto de mobília. Reconhecamos o quanto se vai avançando em matéria de direitos humanos, no geral, em matéria de direitos da mulher, no particular. Vejamos como já não vai havendo lugar para as «jovens inteligentes» acatarem voluntariamente «existências de servidão», «promidas de um cretino». Há realmente muita coisa para mudar neste mundo. Mas, é tão fácil e tão cómodo criticar o que está mal, que bem mais positivo será lutar e conseguir vencer. E sobretudo, não generalizar para o conjunto, este ou aquele problema específico, que diz respeito a cada um de nós.

Mas continua Jacinta, continua. Gasta até à exaustão o inconformismo dos seus 14 anos, bem como as outras fases da tua vida, certamente com outros pontos de vista com maiores alcances, com diferentes horizontes. Já não como flor. Mas como fruto. Amadurecido.

José Manuel Mendes

# VÁRIAS MUSICAIS

Secção de JORGE PINTO

## GO GRAAL BLUS BAND

Os Bues estão de volta. Depois dos casos isolados de Mayall e Gallagher, surge este grupo português com o seu primeiro trabalho em 33 rotações, que me agrada imenso, porque nos mostra

que a malta não está a dormir. Desde que ouvi na RDP alguns temas deste grupo, vi que ali estava um grande potencial em matéria de nova música portuguesa em que eu incluo grupos como Aqui D'El Rock, Tantra, Arte & Ofício, e o que resta do vasto manancial que a má vontade dos críticos vai destruindo.

Numa altura em que o disco sound e as outras pragas da música comercial inundam o nosso país, a Go Graal Blues Band é uma lufada de ar fresco para os melómanos não-alienados. Depois de generalizada a opinião de que «é português, não presta», ouça-se «The fault is her Own», para nos convenceremos do contrário. (Afinal não há só Manuelas Bravo na nossa música!)

A Banda é formada por Raúl Anjos (Bateria); A. Ferro (Baixo); João Allain (Slide Guitar); Augusto Mayer (Harmónica); J. Esteves (Guitarra); Paulo Gonzo (Ha mónica, Viola e Vocais) e J. Carlos Cordeiro (Vocais). Saído dos Estúdios Arnaldo Trindade, produzido por Jaime Fernandes, sob Etiqueta Imavox. 4 pontos (Escala 1 a 5).

**NOTA DA REDACÇÃO** — É com muito prazer que vemos surgir um jovem, interessa em coimatar uma lacuna do nosso jornal: a crítica e a informação musical. Sobre tudo, quando notamos a preocupação de se distinguir o trigo do joio, de procurar a qualidade, de promover a (boa) música portuguesa. Estamos certos de que o Jorge Pinto irá aumentar um pouco mais as linhas dos seus comentários, bem como descobrir que a Manuela Bravo, além desta brincadeira do balão, por que é nacionalmente conhecida, é uma extraordinária intérprete de baladas com temas (de qualidade) tratados em inglês. No fundo, há que alertar as pessoas (não impôr) no que existe de mais profundo na música contemporânea, para além dos compassos do disco sound, feitos para abanar o rabo dos meninos e das meninas, e que, tal como o Jorge Pinto muito bem diz, é uma autêntica praga que se instalou na audição quotidiana.

## JOSÉ CHETA NOS E. U. A. E CANADÁ

José Cheta, o popular intérprete da canção portuguesa, filho adoptivo da terra louletana, acaba de concluir com grande êxito mais uma digressão artística, por terras de yankees e Canadá.

Integrado nas comemorações do 10 de Junho, José Cheta foi o único artista português «destacado» este ano para aquelas paragens, tendo aproveitado a ocasião para fazer mais uns espectáculos por conta própria, e assim dar a viagem por bem empregada, recolhendo os tão almejados dólares. Assim, de 6 a 21 de Junho, José Cheta, actuou em Montreal, Vancouver e Nova Iorque, em diversos Clubes Portugueses.

Recolhemos algumas opiniões curiosas:

— A crise do petróleo nos USA é evidente e perturbante.

— Os emigrantes estão apreensivos quanto ao futuro de Portugal, mas continuam a pensar em voltar.

— Os emigrantes têm grandes tendências social-democratas.

— A juventude sabe que o ensino universitário em Portugal é mais fácil.

— O cônsul de Portugal em Vancouver, Dr. Valadas, fundou no âmbito dos emigrantes portugueses, uma associação de pessoas de idade para ocupação de tempos livres, desde o folclore, à dança e ao artesanato.

— Apesar de tudo, José Cheta pensa voltar já em fins de Outubro.



# ERA UMA VEZ...

Era uma vez um bezerro que, depois de uma boa refeição de fresca relva e de umas quantas cabriolas e correrias, para gastar as energias que lhe estavam a exigir descarga, se foi deitar ao lado dum irmão um pouco mais velho, em maré de confidências.

Enquanto regorgitava do ban-dulho um pouco de erva engolida para a ruminar, começou a dizer:

— Não sei que têm os nossos pais e avós que, desde o mundo é mundo, sempre têm pa-chorrentamente feito a mesma coisa, parece que sem genica para melhorar a sua sorte. Deixaram-se dominar pelos homens, a quem servem submissos, puxando pelo arado, pela carreta, pelo engenho da nora, dando-lhes o leite e a carne, deixando-se comprar e vender, como se isso nada lhes importasse. Nem tampouco olham para os nossos primos, os touros, que não estão dispostos a sujeitar-se a tais caprichos dos homens, não se sujeitam ao arado, à carreta, à nora. É verdade que os homens se querem divertir com eles nas touradas ou nos campos, mas é ver como eles lhes respondem com uma arma que, afinal, nós temos igual.

— Que querias, então, fazer?

— Sair deste estado de aviltamento e alienação de nós mesmos. E olha que não me queixo apenas desta sujeição ao homem. Queixo-me também da sujeição aos nossos pais e maiores. A nossa mãe, sempre solícita, sempre maternal, sempre a aconselhar: «cautela, não fijas demais, não te canse, não te exponhas ao vento e à chuva, não te constipes, deita-te a horas, respeita os irmãos, tem juízo, não te afastes das nossas tradições, etc., etc., etc. Não te parece que isto é insuportável?

E, afinal, cada vez me convergo mais de que os nossos pais já não são do nosso tempo; estão ultrapassados, velhos, aferados a mitos de outros tempos. Não vês o medo que ainda têm dos automóveis e camiões nas estradas, enquanto eu acho um prazer imenso em vê-los correr à doida, sobretudo se chocam e se despedaçam uns aos outros, e gosto tanto de correr ao des-saio com eles!

O paternalismo dos nossos pais, não achas que é asfixiante para a nossa personalidade? Se nós somos adultos e mais do nosso tempo do que eles, porque não nos deixam eles realizar-nos à nossa vontade?

Ouvii o bezerro mais velho a longa tirada do mano, sem o interromper, já que sinal de verdadeira maturidade de adulto é

saber ouvir, compreender, depois pôr calmamente os pontos nos ii. Reflectiu um pouco, sob a impaciência do irmão, cujo olhar interrogante nem parecia de boi, e respondeu:

— Pensas que descobriste agora a pólvora, como dizem os homens, que viste um mundo novo, que os teus pais e antepassados nunca viram nem conheceram. Muito te enganas. Também eles, quando tinham a tua idade, também eu ainda há tão pouco, sentimos como tu agora sentes. A vossa evolução corpórea e anímica é, sensivelmente, a mesma.

Passada essa crise da adolescência, entramos todos no mesmo ritmo de vida, porque é a que nos impõe a nossa natureza e contra a natureza é inútil lutar.

E olha que os nossos pais, que são verdadeiramente adultos, não evocam essa qualidade, para se gabarem ou para protestarem, se não para se capacitarem das suas responsabilidades e obrigações. Também eles, sobretudo os mais velhos, gostariam de voltar a ter a tua, para poderem correr ligeiros e livres, despreocupados e mais alegres. A ansia de querer ser considerado adulto, de ser tratado como adulto, é sinal de infância ou adolescência, porque o adulto é adulto mesmo sem o querer. Eu, que ainda o não sou mas estou mais perto de sê-lo do que tu, já vou perdendo essas veleidades.

— Mas tratem-nos como crianças, não achas que é humilhante?

— Se somos crianças ou adolescentes, como queres que nos tratem, senão como tais? Será humilhante sermos o que somos? Nós é que poderemos humilhar-nos a nós mesmos, se não nos soubermos conduzir segundo o que a Natureza de nós exige.

— Mas a nossa sujeição ao homem, a alienação da nossa raça, que te parece?

— E se eu te disser que o homem é que trabalha para nós? Temos as nossas moradas, com as nossas camas com taroucos de milho, com as nossas manjedouras sempre fornecidas. Foste tu, fui eu, foram os nossos pais que fizemos isto. Foi o homem, e fê-lo para nós, que para ele teve de fazer coisas diferentes.

Temos os prados de trevo, de alfafa ou de luzerna, temos os restolhos, em que pascemos. Quem é que os preparou? E preparou-os para nós, porque o homem não come erva, não come trevo, nem luzerna, nem alfafa.

Temos os nossos prados e, se algumas vezes, é a própria Natureza que os fez, muitas mais são obra do homem para

nós. E o homem não se sente alienado, humilhado, por trabalhar para nós. Antes o fez com alegria. E ver os lindos nomes que nos põe «Galante», «Lindo».

— Mas, e o estarmos sempre presos à tradição, em sairmos da cepa torta...

— E que querias tu ser se não o que és? Olha que o homem, apesar de ser capaz de inventar instrumentos e modas novas, acaba também por ser sempre igual a si mesmo.

As modas novas, quando julga ter-se libertado de uma limitação da sua liberdade, acabam quase sempre por se lhe revelarem como a repetição duma moda velha, às vezes retro-gando séculos, limita-lhe igualmente a liberdade. E fica sabendo que não há maior perda de liberdade, maior escravidão do que quando alguém se torna escravo dos seus apetites e caprichos...

A conversa continuou, mas nós é que não temos agora tempo de escutá-la. Pode ser que o façamos de outra vez.

★  
Não vamos fazer comentários. Apenas uma nota, para que não se diga que contradizemos o Papa, quando Ele apela para a idade adulta dos cristãos do nosso tempo. Certamente o Sumo Pontífice não quer desaconselhar o «caminho da infância espiritual» que S. Paulo nos inculca. O que Ele quer é que, se somos adultos, tomemos as nossas responsabilidades de cristãos adultos e não que andemos a alardear que somos adultos para contestar e desobedecer. E recomenda também aos Pastores da Igreja que nos tratem com o respeito e consideração que se usam com os adultos, que nos oíam e dialoguem connosco, ainda que não devem abandonar os cuidados de Pais das nossas almas.

J. C.

## CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

Para esclarecimento dos interessados esclarece-se que se encontram a pagamento, durante o mês de Agosto, nas Tesourarias de Finanças, as seguintes Contribuições e Impostos:

Contribuição Industrial — Grupo A — liquidação provisória (não tendo havido auto-liquidação) do ano de 1978.

Contribuição Industrial — Grupo C — do ano de 1978.

Contribuição Predial do ano de 1978.

Imposto de Capitais — Secção A, do ano de 1978.

DA CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL — GRUPO A E IMPOSTO DE CAPITALIS:

Estas contribuições e impostos

deverão ser pagos de uma só vez durante o mês de Agosto.

DA CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL — GRUPO C:

Será paga em duas prestações com vencimento em AGOSTO e OUTUBRO se fôr de montante igual ou superior a 1 000\$00.

As colectas inferiores a 1 000\$00 serão pagas por uma só vez no mês de AGOSTO.

DA CONTRIBUIÇÃO PREDIAL: Será paga em duas prestações, com vencimento em AGOSTO e OUTUBRO, se fôr de montante igual ou superior a 500\$00.

As colectas inferiores a 500\$00 serão satisfeitas por uma só vez em AGOSTO.

Não sendo paga qualquer das prestações ou a totalidade da contribuição no mês do vencimento, começarão a correr imediatamente juros de mora.

Passados 60 dias após o vencimento da contribuição ou sobre o da última prestação, sem que se mostre efectuado o respectivo pagamento, haverá lugar a procedimento executivo para anulação da totalidade da dívida.

MUITO IMPORTANTE — Deve apresentar-se o respectivo aviso ou recibo de anos anteriores, quando se pretende efectuar o pagamento.

QUARTEIRA



MARIA DA GLÓRIA GALANTE

### AGRADECIMENTO

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhar a saudosa extinta à sua última morada.

Poço Novo — Loulé



### QUIRINO PIRES MADEIRA MISSA DO 4.º MÊS

Sua família participa a todas as pessoas amigas e de suas relações que, sufragando a alma do saudoso extinto, será rezada missa na Igreja Matriz, em Loulé, no próximo dia 17 de Agosto, pelas 10 horas, agradecendo antecipadamente a todas as pessoas que se dignem comparecer a este piedoso acto.

## HABILITAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado  
Nuno António da Rosa  
Pereira da Silva

Certifico, nos termos do Art. 97.º do Código do Notariado, que, por escritura desta data, lavrada de fls. 77, v. a 79 do livro n.º B-108, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi declarado que por óbito de José Guerreiro Murta, ocorrido no dia 30 de Abril do ano corrente, na Rua Rainha Dona Leonor, desta vila e freguesia de S. Clemente, onde habitualmente residia, natural da freguesia dita de S. Clemente, no estado de viúvo de Alice Albertina Esteves Guerreiro Murta, com quem havia sido casado em primeiras e únicas núpcias de ambos e segundo o regime da comunhão geral de bens, sem herdeiros legítimos, foram habilitadas herdeiras testamentárias do remanescente de todos os seus bens, direitos e acções, suas sobrinhas:

Maria Murta Oliveira e Sousa ou Maria Alexandrina de Sousa, casada segundo o regime da comunhão geral de bens, com António de Sousa Chumbinho, natural da freguesia de S. Clemente, deste concelho, residente nesta vila; e

Maria Fernanda Esteves de Sá Furtado Mendonça; e

Maria Manuela Esteves de Sá Furtado Mendonça; ambas solteiras, maiores, naturais da freguesia de Mercês, concelho de Lisboa, residentes na Rua Maria Amália Vaz de Carvalho, n.º 10, r/c, dt.º, da cidade de Lisboa.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 19 de Julho de 1979.

O 2.º Ajudante,  
Fernanda Fontes Santana

### Trespasa-se

Estabelecimento de confecção e retrozeiro.

Tratar na Praça da República, 96 - Telef. 62328 - Loulé. (6-1)

### Propriedade

Vende-se uma propriedade, com arvoredo da região. Tem horta com árvores de fruta e abundância de água. No sítio de Vale das Rãs (Campina de Cima), Loulé.

Tratar com José Correia Bota — Rua Eng.º Duarte Pacheco, 50 — LOULÉ. (4-4)

## Trespasa-se

POR CARÊNCIA DE TRANSPORTE PRÓPRIO, TRESPASSA-SE DIREITO À EXPLORAÇÃO DE SERVIÇO DE MERCADORIAS PELO CAMINHO DE FERRO, ENTRE LOULÉ E LOULÉ - CENTRAL.

TRATAR COM HENRIQUE VIEIRA CORREIA, NA CENTRAL DE MERCADORIAS — RUA DR. CÂNDIDO GUERREIRO (JUNTO À CASA JUSTO).

(2-1)

## APARTAMENTOS E LOJAS

VENDEM-SE, NO MELHOR LOCAL DA VILA, EM ACABAMENTO E DE LUXO.

TRATAR COM SR. MANUEL RICARDO M. DA SILVA & C.ª LDA. — TELEF. 62449 — LOULÉ.



# «O FIEL AMIGO»

(continuação da pág. 1)  
gogo não devem, contudo, confundir-se com o excesso de profligação e abandono em que, nos tempos que correm, tal bichinho está votado.

Será isto um mal mundial? — Não creio. Nacional é certamente, e, muito concretamente cá no nosso Burgo é um mal que urge pôr termo. Habitudo desde muito novo a preocupar-me com males que porventura possam afligir e incomodar as populações, não poderei deixar de trazer a conhecimento público a preocupação de milhares de pessoas que militam numa campanha anti-poliuição.

Dirão alguns! — Que mal poderá advir de um cão? — Muitos bens poderão ser colhidos e prestados pelo Fiel amigo. Mas, por desleixo ou incúria também muitos males, inconscientemente, o Fiel amigo, pode causar. O problema é muito grave e como tal deverá ser encarado com seriedade em ordem a serem conseguidas medidas preventivas em paralelo com outra acção saneadora da questão.

E tudo isto a propósito do «Cão Vadio». É que faz pena e repugna ao mesmo tempo ver como o Fiel Amigo «vive» em Loulé e Quarteira. Este problema, dos cães vadios, tem sido objecto de alguns reparos e críticas neste semanário, sem que, até à presente data, nada de concreto e visível se tenha conseguido. O problema continua por resolver duvidando mesmo se a Edilidade louletana teria encontrado solução para o combater com eficácia.

É assim que ano após ano o problema vai aguardando solução e de cada época balnear que chega mais cães vadios se vão acumulando e passeando nas ruas da nossa Vila e de igual modo em Quarteira, para admiração e incommodo dos turistas e veraneantes que procuram a nossa Vila e suas avenidas e as nossas praias para passarem férias tranquilas.

«Mas tu Fiel Amigo incensível às preocupações da Sociedade, chafurdas, noite após noite, nos caixotes e contentores das nossas ruas, entornando e espalhando os restos de uma alimentação que em casa do teu «dono» também não foi farta. O teu «dono» não te pode ou não te quer alimentar. Para resolver o problema põe-te na rua a fim de procurares o alimento necessário à tua sobrevivência.

Famelicamente, contraindo e contagiando doenças, não há caixote que não rebentes e volte. Quando encontras competidor, há disputas e no outro dia chegas a casa de «teu dono» um pouco mais confortado de estômago mas a maior parte das vezes ferido no teu corpo.

Passas as noites (porque dormes de dia) percorrendo as ruas da nossa Vila, em matilha, ladran-

do e uivando (porque é a tua fala), porque não tens quem te «ensine e te acarinhe (um verdadeiro dono ou instituição). Não tens quer verdadeiramente se interesse por ti e pelos graves inconvenientes que, de noite, provocas a quem precisa de retemperar forças para mais um dia de trabalho. A juntar a este tipo de poluição sonora que tu provocas com latidos e uivos, junta-se outro ainda mais grave, não só por ser mais intenso e constante como também por ser praticado por Humanos, seres conscientes; os já tão useiros e vezeiros condutores da motorizadas que utilizam escapes anti-regulamentares e se permitem «passear» em ralis nas ruas da nossa Vila, seja às 3 ou 4 horas da manhã. Mas fiel amigo é de ti que me propus falar neste escrito. Um outro aspecto que te faz vadiar, e, desta vez em grande matilha, pelas ruas de Loulé e Quarteira, uivando e ladrando que é um «regalo» vêr, é a perseguição à companhia no seu período do cio. Nas esplanadas da nossa Avenida e nas esplanadas dos cafés de Quarteira é um espectáculo ver como tu e dezenas de outros como tu, companheiros da raça, se mostram ciosos da função que pretendem executar a todo o custo. É um espectáculo «digno» de se apresentar a quem nos visita, e são de vários pontos do mundo os nossos visitantes. E como este espectáculo já faz parte do programa de Verão, de ano para ano o número de praticantes aumenta,

apesar do que na imprensa regional se ter apelado para a resolução deste gravíssimo problema.

Se a poluição sonora e o mau aspecto que provocam os cães vadios, em matilha, na via pública não fosse suficiente para que se tomassem medidas rápidas e eficazes, poder-se-á acrescentar o perigo da contágio de doenças de que o cão vadio, abandonado, pode provocar quando em contacto com crianças; do perigo para a integridade física e para os prejuízos materiais que podem provocar numa estrada ou rua em acidentes de veículos motorizados.

É preciso iniciar-se uma campanha junto da população, advertindo dos perigos e do mal estar que provocam os cães vadios e abandonados. É preciso iniciar-se uma recolha de cães doentes. É preciso sensibilizar as populações para o perigo de manterem em casa cães doentes. Penso que se poderia iniciar uma medida preventiva contra a profligação exagerada, exactamente com a retenção dos animais em casa. A medida exacta será uma acção intensificada de fiscalização e recuperação de cães encontrados em via pública por um piquete permanente pelo menos em Loulé e Quarteira.

Há muito tempo que se fala deste problema. Será tão difícil resolver um problema desta natureza? Que a continuar sem solução só nos envergonha e desprestigia?

Gregório de Sousa

## AO SERVIÇO DOS CIDADÃOS

(continuação da pág. 1)

terminem longas conversas telefónicas com interlocutores distantes ou dirimam, entre si, acessos pleitos de cunho futebolístico ou doméstico, antes que descendam em atender os circunstantes.

Ora isto não está certo. Para além da mais primária deontologia profissional e da dignificação dos serviços que lhes cumpre promover — os funcionários públicos têm responsabilidades a que não podem eximir-se sem atropelo dos seus deveres e sem ofensa aos direitos dos cidadãos que legitimamente se socorrem do seu préstimo. Até porque os cidadãos são a razão primeira, quicá a única, da existência dos funcionários. Destes se exige, concomitantemente, um mínimo de zelo, de eficiência e de aptidões para o normal exercício do seu munus; mas exige-se, sobretudo, uma boa educação cívica, um alto sentimento de tolerância, uma correcção exemplar e um espírito de pronta ajuda, que não se compade-

cem delongas que irritam e ferem, quando não estão na base de danos irreparáveis.

O funcionário deve usar da maior urbanidade e solicitude para com os que carecem dos seus serviços. E se é certo que não deverá pedir-se-lhe que ultrapasse, em esforço, um razoável limite de possibilidades físicas e intelectuais, por outro lado é intolerável que se julgue colocado no vértice inatingível de uma pirâmide social; que se arrogue qualidades de mando ou de senhor a quem todos devem subordinar-se; que jogue impunemente com os interesses do público que lhe cumpre servir.

Mormente junto dos humildes e dos ignorantes, o funcionário deve ser compreensivo, paciente e auxiliador, lembrando-se que está em presença de um irmão que precisa — quantas vezes desesperadamente! — que se lhe aponte ou explique a letra da lei ou dos regulamentos e a melhor forma de poder cumpri-los. Não raro se ignoram os deveres de justiça e de solidariedade. Chega-se ao ponto de escolher, nos infelizes, as vítimas para vazamento do mau humor ou, num plano oposto, para joguete de facécias exploratórias da sua ignorância, ingenuidade ou boa fé...

A solidariedade é um dever de modéstia para conosco e de indulgência para com os outros. E afinal, seria tão fácil exercer, por meio da palavra, do exemplo e da acção directa, uma salutar influência junto do nosso próximo...

Que o funcionário público não seja subserviente nem despota. Dignificar-se-á se conseguir, apenas, ser igual a si próprio: — na fruição dos seus direitos e no cumprimento dos seus deveres.

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

## VENDEM-SE

Dois apartamentos em Vila-moura. Um mobilado e outro sem mobília. Tratar pelo telefone 62462 — LOULÉ.

## A POTENCIALIDADE ECONÓMICA DO DESPREZADO ALGARVE

(continuação da pág. 1)

Manta de retalhos ao sabor de improvisos, continuam os ritmos da destruição, caindo como frutos apodrecidos! E, como o momento é de profunda crise internacional, os próprios estadistas caelestres, vêm-se e desejam-se para encontrar plataforma de entendimento e soluções comuns. E o nosso País, sem recursos, e, tecnicamente a vegetar na mediocridade industrial, nota ipso facto para o abismo.

Pessoalmente, creio, se quiséssemos aproveitar com denodo e audácia os recursos que possuímos, talvez nos sorrisse a oportunidade de nos ligarmos a valer ao inevitável carrocel europeu como parceiros válidos, colocando em cima da mesa da verdade, os nossos trunfos — a capacidade de trabalho.

A costa portuguesa e as 200 milhas subjacentes na direcção ocidental (pois do norte e ao sul temos respectivamente espanhóis e marroquinos) com direitos iguais aos nossos) é um viveiro prodigioso de recursos da fauna marítima, pelo notável poder de reprodução! Há, neste sector vital da economia, algo que continua a funcionar muito mal, não se sabendo ao certo se é incompetência dos Ministérios, se as costumeiras forças, que à laia de ruínas na armagem, unicamente desmantelam as tentativas de recuperação industrial. Não se compreende, que a nossa frota pesqueira (embora sem grandes recursos técnicos, é operacional) pela relativa abundância de pescado, paralise meses e meses sem fim! Greves e outros problemas mergulham-na em lodaçais, numa estagnação precária.

As greves, são uma espécie de incêndio mal extinto que ao menor sopro da brisa social, reacendem, com chamas aporreadas chamuscando paciências mal contidas, e, desprestigiando compromissos quanto ao sector de exportação que arrastam créditos pacientemente firmados. Tudo verga à implacável ordem de greve que afunda a nau Catrineta da liberdade democrática. Será que não é conspirar contra a liberdade as greves selvagens que paralisam o País, só porque um Sindicato se amouga dono e senhor dos trabalhadores, não transigindo em negociações que salvaguardem o próprio equilíbrio industrial?

Não se chega a lado nenhum ralhando como comadres desabridas, e se cada um de nós amar em árbitro de assuntos que nem

sempre se compreendem! Deixem evoluir as últimas tentativas de salvação nos diversos sectores industriais onde é possível consolidar a recuperação.

A costa algarvia é explorada a meias com os espanhóis! Quando pisam o risco, pagam tuta e meia e vão em paz com os seus barcos! Quando nós caímos na armadilha, marroquinos e mauritanos exigem milhares de contos pelas infracções! No mar nostrum, proliferam espécies magníficas de linguado, pescada — a mais sabrosa do mundo — chocos e robalos que abastecem exigentes mercados estrangeiros, via avião, facturados segundo se diz a mais de 400\$00 por kilo! Esta fauna explorada em cheio, como seria? Quem empenha a prosperidade das indústrias?

No âmbito das nossas possibilidades desbaratadas impunemente, há ainda muita riqueza, inexplorada. Neste país de super-desempregados, não há braços para explorar as entranhas do mar e da terra, visando a estabilidade económica e social! Prefere-se marchas com dísticos que rimem e slogans sonantes! Tudo menos trabalhar!

Oçam, senhores! Se da barragem do Alqueva derivassem canais de irrigação que atravessassem a serra algarvia dirigindo-se ao centro e ao barlavento algarvio, aproveitar-se-iam extensas zonas virgens de terrenos para hortas e pomares, até à campina úbera, que alimentaria o País! O sol rutilante algarvio fecundaria tomate, fruta divina, feijão e milho, numa abundância sem paralelo.

Dêem água aos algarvios, que as potencialidades da Província demonstrarão a pureza, quanto vale o prego do dedicado trabalhador algarvio, se as bruxas entretanto não estragarem o seu apego pela terra e o gosto de produzi-la!

F. Clara Neves

## VENDEM-SE

Propriedades, próximo da vila e periferia. De boa terra de semear e abundante arvoredos.

Facilidades de água e luz.

Tratar na Rua Condestável

D. Nuno Álvares Pereira, 3

(Largo do Chafariz) — LOULÉ.

(8-4)

## QUARTEIRATUR

AGÊNCIA IMOBILIÁRIA E TURÍSTICA

ALUGUER, VENDA E ADMINISTRAÇÃO DE APARTAMENTOS — MORADIAS — TERRENOS

Av. Infante de Sagres, 23

Telef. 65488

QUARTEIRA — ALGARVE

(25-2)

## A. I. A. — Agência Imobiliária do Algarve, Lda.

ALUGUER, VENDAS E ADMINISTRAÇÃO COMPRA — VENDE — ALUGA:

APARTAMENTOS, MORADIAS, TERRENOS BILHETES DAS EMPRESAS: MUNDIAL TURISMO E RODOVIÁRIA NACIONAL

Telef. 65763 — Rua Diogo Cão, 12 (junto ao Turismo) QUARTEIRA — ALGARVE



## Pastelaria AMAZONA

FABRICO PRÓPRIO

FORNECEMOS BOLOS PARA: CASAMENTOS, BAPTIZADOS, ANIVERSÁRIOS, ETC.

DOCES REGIONAIS DO ALGARVE



Telef. 62503

LOULÉ



# CANTINHO DA CRIANÇA

Secção de e para a Criança

## Período de exames

### — Versus férias à vista

Estamos precisamente no período dos exames, aquela quadra em que transcorre o balanço final do aproveitamento escolar discente.

É compreensível e admissível que nesta quadra decisiva, em que se agudizam as preocupações estudantis, que a tua colaboração rareie. Outras mais prementes avultam e predominam.

Assim, para suprir a carência das colaborações juvenis precisamente motivada pelas razões aludidas, que muito têm dignificado este «Cantinho», insere-se aqui neste espaço dedicado a ti, Criança, duas produções poéticas.

Uma da autoria da compiladora e coordenadora desta tua secção, Dr.ª Idália Farinho Custódio e outra da lavra de «Dominácio» (pseudónimo de Domingos Inácio Costa), que escusado será dizê-lo — te são inteiramente dedicadas.

J. C. Viegas

## Canto vivo

papoila  
de escarlate vestida  
de olhos negros,  
negros, negros,  
és sangue, és vida.

papoila  
de saia em flôr,  
bailando no vento  
bailando, bailando,  
és leve, és pensamento.

papoila  
sorrindo no tempo,  
amando o amor,  
amando, amando,  
és moça, és flôr.

papoila  
de corpo de sangue:  
o teu sangue é alegria,  
o teu sangue é canto,  
o teu sangue é dia.

1970

Idália

LOULÉ



## MARIA DAS DORES DIAS AGRADECIMENTO

Sua família, desejando evitar qualquer falta involuntária por desconhecimento de moradas e ilegitimidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma compartilhassem da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhar a saudosa extinta à sua última morada e se interessaram pelo seu estado de saúde durante a doença que a vitimou.

1979 ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA E DIA 1 DE JUNHO DE 1979 20.º ANIVERSÁRIO DA DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA

Um poema que dedico a todas as Crianças, com muito amor e carinho

(Este poema foi dedicado ao menino Luís Miguel Costa Creta da Silva, quando fez 2 anos de idade a 28 de Maio de 1975, e a todas as crianças).

## É Belo Viver

É belo viver  
Sendo criança a correr,  
Ser como ela inocente  
Poder brincar,  
Sorrir,  
...Chorar por chorar  
E nunca por sentir  
O que o adulto sente.  
Não ter tristeza,  
Não ter penas,  
E ser da Natureza  
Um botão a abrir  
Em tardes amenas  
Como tu Luís  
Lindo petiz  
Com dois anos apenas.

Que sejas sempre libertado  
De preconceitos servís.  
Que os teus vendavais  
— Jamais —  
Sejam ais  
Por algo de magoado,  
Mas sim só de alegria  
Com belos sonhos de fantasia  
Voando em corcel alado  
Em paz e sossegado.

Que sejas livre como a ave voando  
Que tenhas marés de plena bonança  
Que sejas sempre uma feliz criança,  
Que possas o bem praticar,  
Mas sempre, sem nunca recuar,  
Que possas, sem penas, ter asas  
p'ra voar,  
Para que sempre lutando...  
Possas do mal te ir libertando.

«Dominácio»

## ARMAZÉM — ALUGA-SE

Com área de 100 m<sup>2</sup> e casa de banho. De construção recente. A 50 metros da E.N. Tratar no local com Apolário Quintas — Sítio do Além — ALMANSIL.

(2-1)

## Betoneiras - Alugam-se

Com ou sem guincho. Tratar com Aníbal Valério Domingos, Rua David Teixeira, 215 r/c Esq. — Loulé, Tel. 63092 (das 9 às 19) e 62860 (residência).

## VENDE-SE

Um prédio na Av. José da Costa Mealha, c/ cave, r/c e 1.º andar, estando o r/c vago. Informa-se nesta redacção.

(4-2)

## VENDE-SE

Uma propriedade no sítio da Costa — Loulé (próximo do cemitério) com terra de semear, figueiras, ameixoeiras, oliveiras, com um armazém, água canalizada e electricidade próximo. Nesta Redacção se informa.

(4-3)

## ESTEMEL (Algarve) — Estudos Técnicos Metalúrgicos, Limitada

SECRETARIA NOTARIAL DE CASCAIS

### PRIMEIRO CARTÓRIO

CERTIFICO: Para fins de publicação, que, por escritura de 16 de Julho, corrente, exarada de fls. 42 v. a 45, do livro n.º 24-C de escrituras diversas do Primeiro Cartório, desta Secretaria, a cargo do Notário Dr.ª Maria das Dores Canudo Cabaça, foi constituída entre LEONEL FERREIRA DIAS GARCIA, ESTEMEL — ESTUDOS TÉCNICOS METALÚRGICOS, LIMITADA, ANSELMO DIAS FERREIRA GARCIA, JOSÉ ANSELMO DIAS RODRIGUES, JÚLIO ARMANDO ANDIAS, JOÃO LEITÃO FONTES, CARLOS TOMÁS NIBLETT DO PASSO e MANUEL ALBERTO COELHO PALHARES, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, sob a denominação «ESTEMEL (ALGARVE) — ESTUDOS TÉCNICOS METALÚRGICOS, LIMITADA», que se regula pelas condições dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A Sociedade adopta a denominação «ESTEMEL (ALGARVE) — ESTUDOS TÉCNICOS METALÚRGICOS, LIMITADA», tem a sua sede no sítio da Torre, freguesia de Almansil, do concelho de Loulé, tem o seu início nesta data e durará por tempo indeterminado.

SEGUNDO — O seu objecto é o exercício da indústria de fabrico e transformação de caixilharia, serralharia civil, estruturas metálicas, vidraria, espelhagem e molduras, e seu comércio, ou de qualquer outra actividade em que os sócios acordem e seja permitida por Lei, podendo abrir filiais ou sucursais.

TERCEIRO — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de dois milhões de escudos, e está representado e dividido em sete quotas, dos seguintes valores: uma de novecentos e sessenta mil escudos, pertencente ao sócio Leonel Ferreira Dias Garcia; uma de quatrocentos mil escudos pertencente à sócia «Estemel — Estudos Técnicos Metalúrgicos, Limitada»; duas de cento e sessenta mil escudos cada, pertencendo uma a cada um dos sócios Anselmo Dias Ferreira Garcia, e José Anselmo Dias Rodrigues; e quatro de oitenta mil escudos cada, pertencendo uma a cada um dos sócios Júlio Armando Andias, João Leitão Fontes, Carlos Tomás Niblett do Passo, e Manuel Alberto Coelho Palhares.

PARÁGRAFO ÚNICO — Os sócios poderão fazer suprimentos e prestações suplementares de capital, quando a Sociedade deles necessitar, nos termos e condições a estabelecer em Assembleia Geral.

QUARTO — Só poderão efectuar-se cessões de quotas a estranhos, se a Sociedade, em primeiro lugar, e os sócios, em segundo, não quiserem pre-

ferir pelo valor apurado no Balanço especial a que então se procederá.

PARÁGRAFO ÚNICO — A cessão, total ou parcial, de quotas entre sócios é livremente permitida.

QUINTO — A gerência, dispensada de caução, e com ou sem remuneração conforme for deliberado em Assembleia Geral, compete aos sócios Leonel Ferreira Dias Garcia, Anselmo Dias Ferreira Garcia e Manuel Alberto Coelho Palhares, que desde já ficam nomeados gerentes.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — A Sociedade fica validamente obrigada apenas com a assinatura de um dos gerentes Leonel Ferreira Dias Garcia ou Anselmo Dias Ferreira Garcia.

PARÁGRAFO SEGUNDO — Os gerentes poderão delegar, por meio de procuração, os seus poderes de gerência e de representação social; e a própria Sociedade poderá constituir mandatários nos termos e para os fins do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

PARÁGRAFO TERCEIRO — Nunca a designação social poderá ser empregada em actos estranhos ao objecto da sociedade.

SEXTO — Quando a Lei não exigir outras formalidades a convocação das Assembleias Gerais far-se-á por meio de cartas registadas, dirigidas aos sócios com oito dias, pelo menos, de antecedência.

SÉTIMO — Em caso de falecimento, interdição ou inabilitação de qualquer sócio, a Sociedade continuará com todos os interessados na quota do falecido, interdito ou inabilitado, que nomearão um de entre eles que a todos represente.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — Esta representação, no caso de falecimento, compete àquele dos interessados que por escolha dos demais for indicado à Sociedade, nos outros casos, ao tutor ou curador designado pelo Juiz.

PARÁGRAFO SEGUNDO — A indicação do representante a que se refere o parágrafo anterior, deverá ser comunicada à Sociedade no prazo de trinta dias a contar da data da morte ou do trânsito em julgado da sentença que decretar a incapacidade ou inabilidade do sócio.

Está conforme o original, e, na parte omitida nada há em contrário, que amplie, restrinja, modifique, altere ou condicione a parte transcrita.

Cascais, aos dezoito de Julho de mil novecentos setenta e nove.

A. Ajudante,  
Maria Madalena dos Santos  
Silva

## VENDE-SE

Apartamento, situado na Urbanização Expansão Sul, com 4 assoalhadas.

Com chave na mão. Nesta redacção se informa.

## TRESPASSA-SE

Dois estabelecimentos de tecidos e confecções, com ou sem existência, servindo para qualquer ramo de comércio, no melhor local da rua do Comércio em OLHÃO.

Tratar pelos telefones 72635 ou 72529 — OLHÃO.

## Vende-se prédio

Na Avenida Marçal Pacheco, n.º 56-58, 1.º andar e r/ chão.

Informa: Avenida José da Costa Mealha, 3-5 ou telefone 63101 — LOULÉ.

(4-4)

## Armazém ou loja

PRECISA-SE

Em Loulé, Faro ou Quarteira.

Nesta redacção se informa.

## TERRENOS

### ALGARVE

QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/ CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LOCALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDE: JOSÉ VIEGAS BOTA —

R. SERPA PINTO, 1 A 13 — TELEF. 62634 — LOULÉ.



# A FELICIDADE DE SER LOULETANO

Cumprida uma tradição que em mim, como em muitos milhares de conterrâneos (e não só), se renova anualmente, por ter assistido aos festejos em honra da nossa padroeira, a veneranda Nossa Senhora da Piedade, venho nestas singelas linhas exteriorizar a minha satisfação.

Com efeito, uma vez mais, incorporado numa multidão enorme, tive a alegria de contemplar esse maravilhoso espectáculo, sublime e impressionante, que é a imponente Procissão do regresso da Imagem de Nossa Senhora e Filho à sua vetusta Capela, no seu lindo e pesado andor tão belamente ornamentado, em marcha incrivelmente veloz, empolgante que, num entusiasmo delirante e agitação frenética de lenços brancos em saudosos adeus à Virgem Santíssima, emocionada e comove o povo até às lágrimas! Sem dúvida, uma consagração de características únicas e algo de misticismo próprio, bem patentes nas tradicionais aclamações: Viva a Mãe Soberana! Viva aos Homens do Andor!

Loulé e seus naturais orgulham-se, com justificado regozijo, desta famosa manifestação religiosa, a maior que se realiza a sul do Tejo, plena de devoção, fé e amor tributados à sua adorada Mãe Soberana, respeitada por gente de todas as crenças e mesmo não crentes ou ateus!

Para tal esplendor e fama contribuem essencialmente os prestigiosos e populares homens do andor, garbosos, inextinguíveis de brio e vigor, que mercê de esforço nobre, dir-se-ia heróico, naquela arrancada final, célebre, triunfante, vencem em escassos minutos o difícil percurso do Largo de São Francisco à capelinha no cimo do Monte da Piedade! A eles rendo homenagem como preito de elevada admiração, extensiva aos músicos e corajosos acompanhantes, alguns já avós, que graças a energia e vontade insuperáveis, à frente e atrás do andor, com aclamações vibrantes de incitamento, incutem aqueles ânimo forte até ao fim da ingreme ladeira, muito valorizando o espectacular cortejo e a comissão organizadora e a quem ornamenta o andor.

# AS GRUTAS DE SANTO ANTÓNIO

As Grutas de Santo António, a 30 quilómetros da capital do distrito, são consideradas das mais interessantes da Europa, não só pelas suas famosas estalagmites mas, também, pela água cristalina dos seus lagos e pela iluminação, considerada do melhor efeito das várias grutas deste tipo existentes na Europa.

As Grutas de Santo António foram descobertas por feliz acaso em 2 de Junho de 1955 por dois homens que trabalhavam perto da Pedra do Altar, um deles, acompanhado por seu filho de cinco anos.

Visitadas, mais tarde, por especialistas em espeleologia, logo estes recomendaram a sua imediata protecção. Com uma área aproximada de 6000 m<sup>2</sup>, a sala maior mede 80x50 metros e a altura máxima é de 43 metros.

A temperatura, quase constante, oscila entre os 16 e os 18 graus centígrados e a ventilação foi feita através de uma chaminé natural.

Incluindo hoje as grutas dos Alvados, o local está equipado para receber os turistas que dispõem de restaurantes com cozinha portuguesa, funcionando diariamente das 9 às 21 horas. A partir de Outubro o encerramento das Grutas é às 19 horas.

Muito do que são hoje as Gru-

tas de Santo António nomeadamente no que diz respeito ao aproveitamento turístico daquela zona do distrito de Leiria, deve-se ao entusiasmo e dedicação de Luís Marques Galamba, actualmente um dos administradores da Sociedade Turística que explora as grutas e o restaurante.

Formenor curioso: o chefe electricista das grutas é o jovem que em 1955 acompanhava o pai e que ajudou a descobrir o local. Tem hoje, portanto, 24 anos.

Integrada nas comemorações do 1.º aniversário da Rádio Televisão Independente, o vice-presidente do CDS, Lucas Pires, proferiu uma importante conferência, onde abordou as questões da liberdade de expressão e de informação, e do monopólio constitucional de televisão pelo Estado.

Para Lucas Pires, a televisão não pode ser objecto de posse única pelo Estado, uma vez que a liberdade de expressão se entende contra o Estado e não através do Estado. Esta concepção verdadeiramente revolucionária, coloca em breves pala-

## O ALGARVE PRESENTE NOS «JOGOS SEM FRONTEIRAS» EM ST. ALBANS (GRÃ-BRETANHA)

Está sendo aguardada com evidente e compreensível expectativa a participação da equipa de Albufeira, que representará o Algarve na edição dos «Jogos sem Fronteiras» a disputar em St. Albans no dia 21 de Agosto, nos arredores de Londres. Especial interesse em torno desta participação na medida em que constitui uma promoção turística de vulto não só pela projecção pela Eurovisão como na própria Grã-Bretanha, que continua

## A MOBIL NUM NEGÓCIO... DA CHINA!

Na sequência do intercâmbio das equipas de ping-pong, as relações entre os Estados Unidos e a República Popular da China desenvolveram-se bastante, tendo atingido ponto alto, este ano com a visita que Teng Hsiao Ping fez às terras do dólar.

Em múltiplos sectores as relações de cooperação têm sido, o que se chama, um espanto!, e pouco previsíveis, ainda há bem pouco tempo. Também no petróleo, haverá, dentro em breve, o que se pode dizer, um negócio da China!...

Trata-se da Mobil Oil Corporation, que celebrou um contrato com aquele país, para conduzir um vasto programa de pesquisas geofísicas ao largo da costa no sul do Mar da China. As pesquisas sísmicas, terão início em meados do Verão deste ano, sendo efectuadas pelo navio geofísico da Mobil, T. W. Nelson, que se encontra equipado com instrumentos electrónicos extremamente avançados e com um computador que tem como função o processamento de dados sísmicos, gravimétricos, magnéticos, de satélite e de posicionamento geográfico.

Enfim, agora que os Árabes parecem armados em brutos, na questão do petróleo, os americanos não perdem tempo, e já andam a farejar noutros lados.

## O incêndio da Serra de Monchique justificou a intervenção na A. R. do deputado socialista Fernando Reis Luís

*Eis o conteúdo do requerimento que dirigiu o Presidente da Assembleia da República:*

— Considerando os avultados prejuízos causados pelo devastador incêndio verificado nas florestas da serra de Monchique nos dias 15 e 16 de Julho de 1979;

— Considerando os fracos recursos económicos dos agricultores e pequenos proprietários que muito dependiam dos bens então devorados pelas chamas;

— Considerando, ainda, que a causa remota dos prejuízos foi uma queimada na lixeira da Câmara Municipal de Monchique;

— Considerando o teor de minha intervenção na Assembleia da República, no dia 17/7/79.

Ao abrigo das disposições cons-

titucionais e regimentais, requero ao Governo que me apresente os seguintes esclarecimentos:

1.º — Admite o Governo poder vir a considerar o referido incêndio, para todos os efeitos, como uma circunstância anormal prevista no artigo 16.º, n.º 2, da Lei n.º 1/79, de 2 de Janeiro?

2.º — Considera o Governo serem importantes as tomadas de medidas de prevenção contra os fogos florestais na serra de Monchique, nomeadamente a instalação de postos de vigilância e atribuição de equipamento especializado aos Bombeiros Voluntários de Monchique?

Lisboa, 18 de Julho de 1979  
Palácio de São Bento

O Deputado do P. S.,  
a) Fernando Reis Luís

## Alteração ao sistema de crédito bonificado pelo Estado

No sentido de tornar mais eficaz o sistema de crédito bonificado pelo Estado à aquisição de casa própria e melhorar as condições de acesso à habitação das famílias de menores rendimentos foi publicada em 30 de Julho último a Portaria n.º 308/79, que para além de actualizar os valores dos parâmetros definidores do sistema de crédito bonificado pelo Estado à aquisição de casa própria introduz algumas inovações relativamente às anteriormente publicadas.

Efectivamente, a par da actualização dos valores do custo de construção por m<sup>2</sup> e dos escalões de rendimento, por forma a ajustá-los à evolução, entretanto registada a nível destas variáveis, procedeu-se a algumas melhorias com vista a tornar este sistema de crédito socialmente mais justo e selectivo.

Assim, excluíram-se do regime de crédito bonificado pelo Estado as habitações com área bruta total superior a 140 m<sup>2</sup>, por se entender que não é socialmente correcto que a comunidade subsidie habitações acima daquela dimensão e procurando-se incentivar a construção de habitações de áreas não excessivamente elevadas.

Na medida em que os custos da construção por m<sup>2</sup> estão estreitamente correlacionados com a dimensão das habitações e, por forma a atenuar esta diferença, a nova Portaria considera, para as várias classes, custos/m<sup>2</sup> diferentes, consoante a dimensão

seja inferior ou superior a 100 m<sup>2</sup>, sendo, os limites mais elevados no primeiro caso, em que o valor máximo admissível é de 12 700/m<sup>2</sup>, enquanto no segundo caso não ultrapassa 12 300/m<sup>2</sup>.

Saliente-se ainda que relativamente à Portaria anterior se verifica a redução de um ponto percentual nas taxas de juro iniciais a cargo do mutuário, para os três primeiros escalões de rendimento e duas primeiras classes de custo de construção, visando atenuar-se o esforço das famílias de mais reduzidos rendimentos com a aquisição de casa própria e, por outro lado, estimular a produção de habitações de custo moderado.

## ATÉ O LEITE JÁ SUBIU DE PREÇO

(continuação da pág. 1)  
clamavam mexida nos preços, caso contrário, parava a mexida nas ordenhas. Mas a verdade, verdadeira, é que então, quando se aumentava um tostão no preço, desatava tudo numa mugida, que ninguém dava conta do pessoal. Hoje, quando se aumenta, é às bateladas, e o Zé Pagode chucha como pode, encolhe a barriga e descarrega os ombros. Que diferença, meus senhores! E afinal, foram só cinco anos!... Como é possível?...

## C. D. S. TEM NOVOS DIRIGENTES EM ALBUFEIRA

Em Albufeira, realizaram-se há dias as eleições dos órgãos directivos do C.D.S., acto que teve a presença dos srs. Ruy de Oliveira e Júlio Baptista Coelho, respectivamente secretário-geral do CDS e presidente da Comissão Executiva do distrito de Faro.

Foram eleitos, para o período de um ano os seguintes membros,

### MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, Professor António de Almeida; Secretários, Dolores da Conceição Guerreiro Vieira e Eduardo Kropotkine.

### COMISSÃO EXECUTIVA CONCELHIA

Presidente, José Semão Xufre; secretário, Cândido Vieira Coe-

### COMISSÃO DE ANGARIAÇÃO DE FUNDOS

Presidente, António Simões Vicente; Vogais, Prof. António de Almeida e Dolores da Conceição Guerreiro Vieira.

### COMISSÃO DE ADMISSÕES

Presidente, Vítor Miguel Vieira de Sousa; vogais, José Simões Rita e Raul da Encarnação Nunes.

### COMISSÃO DE DISCIPLINA

Presidente, Dr. Carlos Ganho; vogais, Manuel Rebelo Gomes e Maria Henriqueta Félix Cardoso.

## LUCAS PIRES CONTRA MONOPÓLIO DE TELEVISÃO

Integrada nas comemorações do 1.º aniversário da Rádio Televisão Independente, o vice-presidente do CDS, Lucas Pires, proferiu uma importante conferência, onde abordou as questões da liberdade de expressão e de informação, e do monopólio constitucional de televisão pelo Estado.

Para Lucas Pires, a televisão não pode ser objecto de posse única pelo Estado, uma vez que a liberdade de expressão se entende contra o Estado e não através do Estado. Esta concepção verdadeiramente revolucionária, coloca em breves pala-

bras de síntese, o dedo na ferida, apontando muito claramente porque, os senhores que detêm o Poder, se defendem com unhas e dentes ao articulado constitucional que preceitua a posse da Televisão pelo Estado. Apelando no sentido de que surtisse um amplo movimento social que mobilizasse a população em termos de se concretizar a revisão da Constituição, Lucas Pires vincaria ainda que Portugal tem o regime de televisão mais fechado da Europa. E ainda há quem fale em entrar para a Europa, sem antes abrir as próprias portas, e respirar o ar puro da verdadeira liberdade.